



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

MARIA DAS GRAÇAS ARAÚJO E SILVA

**LULA, UM RETRATO DA MÍDIA IMPRESSA: ANÁLISE DOS
GÊNEROS CAPA E MATÉRIA DE CAPA DA REVISTA VEJA**

**Brasília
Outubro/2006**

MARIA DAS GRAÇAS ARAÚJO E SILVA

**LULA, UM RETRATO DA MÍDIA IMPRESSA: ANÁLISE DOS
GÊNEROS CAPA E MATÉRIA DE CAPA DA REVISTA VEJA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu*, na área de Língua Portuguesa — Texto e Discurso.

Orientadora: Professora Janaína de Aquino Ferraz

**Brasília
Outubro/2006**

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Marcelo, Fabiana e Renata e ao meu marido Carlos Alberto cujo apoio e incentivo foram fundamentais para que eu concluísse esta etapa dos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre iluminar o meu caminho. À professora Janaína de Aquino Ferraz pelo carinho, pela dedicação e seriedade e pelo compromisso com o crescimento do aluno. Aos amigos Estela, Antonio Luiz e Eliana pela colaboração, pelo companheirismo e incentivo. Ao Sr. José Oliveira Anunciação e a Sra. Luci Afonso, Diretor do Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação e Diretora da Coordenação de Redação Final da Câmara dos Deputados, respectivamente, pelo apoio, pela boa vontade e compreensão. Enfim, aos demais colegas que cursaram a pós-graduação em Língua Portuguesa - Texto e Discurso, sobretudo ao Herculano, representante da turma.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar um exemplar da revista *Veja*, que retrata o presidente Lula, com vistas a trazer à tona a intencionalidade do produtor dos signos, demonstrar como a mídia impressa construiu a imagem do presidente Lula por ocasião dos escândalos de corrupção que envolvem o governo e compreender as consequências das escolhas lingüísticas para formação da identidade de uma figura pública tão importante. Para tanto foram escolhidos dois gêneros distintos: capa e matéria de capa/reportagem da revista *Veja*. A fundamentação teórica está apoiada na Teoria Social do Discurso e na Análise de Discurso Crítica formuladas por Norman Fairclough (2001, 2003); nas estratégias ideológicas propostas por John B. Thompson (1999); na concepção do discurso semiótico apresentada por Kress e van Leeuwen (1996, 2001) e na abordagem de gêneros desvendada por Mikhail Bakhtin (1997) e Luiz Antônio Marcuschi (2005). A metodologia adotada é a das categorias analíticas propostas por Fairclough, Thompson e Kress e van Leeuwen. A análise do *corpus* permitiu desvelar os aspectos ideológicos na linguagem da mídia impressa que levam à formação identitária do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião dos escândalos de corrupção que envolvem o governo.

PALAVRAS-CHAVE:

Discurso, ideologia, identidade, multimodalidade, mídia.

ABSTRACT

This work has the objective of analyzing a copy of the magazine *Veja*, that portrays President Lula, with an aim to bring to the surface the intensions of the producer of the signs, show how the printed media built the image of President Lula by occasion of the scandals of corruption that involved the government and understand the consequences of the linguistic choices for the formation of the identity of such an important public figure. For such two distinct genders were chosen: cover and works of cover/article of the magazine *Veja*. The theoretical foundation is based on the Social Discourse Theory and on the Critical Discourse Analysis formulated by Norman Fairclough (2001, 2003); on the ideological strategies proposed by John B. Thompson (1999); on the conception of the semiotic discourse presented by Kress and van Leeuwen (1996, 2001) and on the approach of genders developed by Mikhail Bakhtin (1997) and Luiz Antonio Marcuschi (2005). The methodology adopted is the analytic categories proposed by Fairclough, Thompson and Kress and van Leeuwen. The analysis of the *corpus* permitted to reveal the ideological aspects in the printed media language which lead to the identity formation of President Luiz Inácio Lula da Silva, by occasion of the scandals of corruption that involved the government.

KEY-WORDS:

Discourse, ideology, identity, multimodality, media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Lula: Confronto no ABC	16
Figura 2: O preço da intransigência	17
Figura 3: Lula <i>Light</i>	17
Figura 4: Triunfo Histórico	17
Figura 5: Como sair dessa?	18
Figura 6: O Bando dos 40	18
Figura 7: O Sujeito Oculto	59
Figura 8: A quadrilha do PT.....	60
Figura 9: O Bando dos 40	61
Figura 10: O Bando dos 40	62
Figura 11: O Bando dos 40	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Diagrama de Concepção Tridimensional do Discurso	22
Quadro 2: Quadro Sinóptico sobre tipos textuais e gêneros textuais	36
Quadro 3: Bases para o estudo de gênero discursivo de acordo com Bakhtin	38

SUMÁRIO

RESUMO	I
ABSTRACT	II
INTRODUÇÃO	8
1 PONTAPÉ INICIAL	10
1.1 Breve histórico do personagem principal: Lula.....	10
1.1.1 Trajetória política.....	11
1.2 A comunicação de massa e a mídia impressa.....	14
1.3 Objetivos.....	18
2 TEORIAS NORTEADORAS	20
2.1 Discurso.....	20
2.2 Texto.....	23
2.3 Texto multimodal.....	25
2.4 Semiótica.....	27
2.5 Ideologia.....	30
2.6 Identidade.....	33
2.7 Gêneros Discursivos.....	35
2.7.1 Gênero matéria de capa/reportagem.....	39
2.7.2 Gênero capa de revista.....	41
3 PASSO A PASSO DA METODOLOGIA	43
3.1 Localização dos dados.....	43
3.2 Categorias analíticas de Fairclough.....	45
3.2.1 Intertextualidade manifesta por meio da pressuposição.....	45
3.2.2 Intertextualidade manifesta por meio da ironia.....	46
3.2.3 <i>Ethos</i>	46
3.2.4 Significado das palavras.....	46
3.2.5 Metáfora.....	47
3.2.6 Efeitos ideológicos e políticos do discurso.....	47
3.3 Categorias analíticas de Thompson.....	48
3.3.1 <i>Modus operandi</i> da ideologia.....	49
3.4 Categorias analíticas de Kress e van Leeuwen.....	50
3.4.1 Participantes representados e interativos.....	51
3.4.2 Processos narrativos.....	51
4 ANÁLISE TÉCNICA	53
4.1 Aplicação das categorias de Fairclough.....	53
4.2 Aplicação das categorias de Thompson.....	57
4.3 Aplicação das categorias analíticas de Kress e van Leeuwen.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXOS	70
ANEXO A Capa da edição 1952 da revista <i>Veja</i>	71
ANEXO B Matéria de capa da edição 1952 da revista <i>Veja</i>	72

INTRODUÇÃO

A chegada de Lula à presidência da República representa um momento peculiar na história do Brasil, por se tratar de um sindicalista, um líder de partido de esquerda, de um homem sem formação escolar superior. Após três derrotas consecutivas, conseguiu eleger-se ao adotar discurso político da conciliação, do entendimento e da negociação, obtendo a adesão de diferentes segmentos da sociedade.

O ano de 2005 foi um período de enormes turbulências políticas em nosso País. Diariamente foram veiculadas na mídia denúncias de envolvimento de figuras públicas em corrupção. A crise atingiu praticamente todos os partidos políticos e agravou-se em 2006.

Em meio à crise política e à sucessão de escândalos, a revista *Veja*, um dos veículos da mídia impressa de grande credibilidade, publicou várias matérias sobre o tema.

Por entender que são amplos os modos semióticos e os gêneros textuais que fazem parte da comunicação multimodal na sociedade contemporânea, escolhi analisar a capa e a matéria de capa/reportagem da revista *Veja*, da edição de 19 de abril de 2006, intitulada *O Bando dos 40*, por estarem inseridos no contexto sócio-histórico atual, no qual Lula é figura pública importante, e por serem gêneros discursivos usuais na instituição midiática.

O propósito deste estudo é examinar, sob o ponto de vista da Análise de Discurso Crítica, da Semiótica Social e da Ideologia, os aspectos ideológicos na linguagem da mídia impressa que levam à formação identitária do presidente Luiz

Inácio Lula da Silva, por ocasião dos escândalos de corrupção que envolvem o governo.

O estudo se justifica por ser Lula uma figura central do Brasil, trazer em si uma série de aspectos relevantes sobre a sociedade brasileira e por ser *Veja* uma revista conceituada, de grande impacto nacional, de grande poder informativo e persuasivo.

A pesquisa está organizada em quatro capítulos. No primeiro, exponho algumas reflexões iniciais: breve histórico e trajetória política de Luiz Inácio Lula da Silva; a importância da comunicação de massa e da mídia e os objetivos do trabalho. No segundo, apresento as teorias que norteiam a pesquisa: a Teoria Social do Discurso e a Análise de Discurso Crítica formuladas por Norman Fairclough (2001, 2003); as estratégias ideológicas propostos por John B. Thompson (1999); a concepção do discurso semiótico apresentada por Kress e van Leeuwen (1996, 2001) e a abordagem de gêneros desvendada por Mikhail Bakhtin (1997) e Luiz Antônio Marcuschi (2005). No terceiro, exponho os métodos empregados no presente trabalho, mediante as categorias analíticas selecionadas por Fairclough, Thompson e Kress e van Leeuwen. No quarto, faço a análise dos gêneros capa e matéria de capa/reportagem.

Concluo o trabalho tecendo considerações pertinentes aos resultados alcançados ao longo da análise.

1 PONTAPÉ INICIAL

“Eu não sabia de nada. Eu fui traído.”

(Luiz Inácio Lula da Silva ao saber, em Brasília, das denúncias de corrupção em seu governo.)

“Lula pode escolher que figurino quer vestir: o de presidente inepto ou o de patrono da quadrilha.”

(Revista *Veja*, edição de 19 de abril de 2006, pág. 49.)

Neste capítulo, exponho questões iniciais que me orientaram na elaboração desta pesquisa. Apresento, na seção 1.1, breve histórico e trajetória política de Luiz Inácio Lula da Silva; na seção 1.2 discorro sobre a importância da comunicação de massa e da mídia impressa, e na seção 1.3 exponho os objetivos deste trabalho.

1.1 Breve histórico do personagem principal: Lula

Luiz Inácio Lula da Silva nasceu em Garanhuns, Pernambuco, dia 27 de outubro de 1945, conforme registra a carteira de identidade. Os irmãos mais velhos dizem que esta teria sido a data do batismo; a de nascimento, 6 de outubro.

O apelido “Lula” foi incorporado ao nome em 1982, por razões eleitorais. Penúltimo dos 7 filhos de Eurídice Ferreira de Melo, a dona Lindu, e Aristides Inácio da Silva, passou a primeira infância nos oito hectares de terra onde a família plantava feijão, milho e mandioca para consumo próprio.

Em 1952, quando Lula completou 7 anos, mãe e filhos viajaram 13 dias de pau-de-arara do Nordeste para São Paulo. Vieram ao encontro do pai, que

trabalhava como estivador no porto de Santos. Foi aluno do grupo escolar Marcílio Dias, onde cursou o primário. Engraxava sapatos ou vendia laranja e tapioca na estação de barcas de Santos para ajudar no orçamento familiar.

Em 1956, a família mudou-se para a capital paulista. Morava na Vila Carioca, num quarto e cozinha, nos fundos de um bar. O primeiro emprego, ajudante numa tinturaria, foi aos 12 anos. Dois anos depois, ingressou numa metalúrgica e obteve no SENAI o diploma de torneiro-mecânico.

Em 1967, Lula pisou pela primeira vez no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, quando trabalhava nas Indústrias Villares. Em 1969, foi eleito suplente de diretoria do sindicato e, em 1972, membro da diretoria-executiva. Em 1975, assumiu pela primeira vez a presidência do sindicato. Foi reeleito em 1978, quando inovou as campanhas salariais; introduziu a luta pela reposição salarial e promoveu amplas mobilizações de massa.

1.1.1 Trajetória política

Três fases distintas marcaram a história de Lula no cenário político brasileiro: extrema-esquerda, transição e centro-esquerda.

No período de extrema-esquerda, décadas de 70 e 80, o contexto histórico-social do Brasil influenciou as falas do sindicalista de contestação ao regime militar. Os discursos pediam liberdade de expressão, o que possibilitou a ampliação do seu público e propiciou as reflexões para a criação de um partido político. Nesse momento, Lula, contestador, consagrou-se como uma liderança popular e abriu a possibilidade de organização das massas. Questionava o

planejamento econômico executado pelo governo e contestava as relações entre capital e trabalho. Defendia a igualdade e um mundo sem dominantes e dominados.

Durante o sindicalismo, lutava pelos direitos trabalhistas e pela melhoria das condições de trabalho para o operariado. O discurso manifestava o desejo de uma sociedade sem explorados e sem exploradores.

No início da década de 80, com a criação do Partido dos Trabalhadores, os discursos de Lula abordavam questões mais abrangentes, como, por exemplo, a organização política e as decisões na área econômica. Nesse período, Lula ressaltou a necessidade de geração de empregos e cobrou ações do governo. Esse período também foi considerado como de abertura democrática e de organização das classes populares.

Com a retomada da democracia no Brasil, vieram as eleições diretas para a presidência da República — o PT foi o primeiro partido a manifestar-se na campanha pelas diretas já, em 1984. Lula candidatou-se e representava o pensamento da esquerda brasileira. Ainda mantinha características do perfil do operário tanto por sua postura ideológica (discurso radical, idéias e crenças da extrema-esquerda) quanto pela visual (calça jeans e camiseta). O discurso era coloquial e crítico, o que eliminava o diálogo com as classes dominantes. Perdeu a eleição para Fernando Collor de Mello.

No período de transição, após derrota nas eleições de 1989 e 1998 para a presidência da República, Lula começou a mudar seu discurso. Abriu-se para acordos com outros partidos de esquerda. O período aponta amadurecimento político tanto de Lula quanto do PT. Com isso conseguiu projeção nacional, conquistando prefeituras e vagas nas Câmaras Municipais e no Congresso Nacional. Embora tenha feito alianças com partidos de esquerda, no discurso de Lula

permaneciam traços discursivos como comparações, citação de trechos de sua história, entre outros, o que consolidou o símbolo de esperança.

As propostas eram mais próximas do pensamento social-democrata: estímulo à criação de bancos populares; incentivo à geração de novas vagas no mercado de trabalho em programa emergencial para os jovens (hoje há os programas Primeiro Emprego e Universidade para Todos — PROUNI); abertura de linhas de crédito para estudantes com juros baixos; adoção de um programa de renda mínima para garantir um complemento para quem recebe menos de um salário mínimo; desoneração da produção etc. Tudo para retomar o desenvolvimento do Estado brasileiro.

Nesse momento, Lula reformulou sua imagem. Passou a apresentar um perfil mais conciliador, moderno e variado. Usava a emoção e a biografia como instrumento político.

No período de centro-esquerda, com a *Carta ao Povo Brasileiro*, Lula manifestou a lógica do governo. O documento apresenta as diretrizes que seriam adotadas especialmente em relação às medidas econômicas.

Nas campanhas de 1989 e 1994 não cogitava o cumprimento dos acordos com os credores internacionais; em 1998 propôs-se a analisá-los, e na *Carta* comprometeu-se a cumpri-los.

Na campanha de 2002, Lula mostrou um discurso ponderado e estadista. O *slogan* “A esperança venceu o medo” reforçou o caráter simbólico de Lula, que se colocava como a esperança do País. Rompeu com os velhos dogmas do PT, mudou seu discurso em relação às propostas econômicas e indicou para a vice-presidência um partido de direita, o PL, para conseguir a adesão de um novo público.

Depois de eleito presidente da República, o discurso de Lula é alterado moderadamente e é mais realista. Lula é mais cauteloso na exposição das idéias e diz que continua comprometido com os movimentos sociais e a sociedade. Adotou um novo processo discursivo e posições políticas e ideológicas afinadas com o neoliberalismo. O discurso de Lula tomou força ao defender o crescimento, o emprego, a inclusão social e a democracia.

1.2 A comunicação de massa e a mídia impressa

Na concepção de Thompson (1999) a mídia se tornou o meio mais importante para a operação da ideologia nas sociedades modernas, principalmente a que atinge as massas, uma vez que é um meio importante para a produção e transmissão de conhecimentos, idéias e discursos.

O autor considera que a comunicação de massa é o meio de comunicação e a rede de transmissão por intermédio dos quais formas simbólicas mercantilizadas se tornam acessíveis a um grupo cada vez maior de receptores, e descreve esse processo como ‘mediação’ da cultura moderna. Diz que a chegada da comunicação de massa transformou os modos de experiência e os padrões de interação característicos das sociedades modernas.

Enumera como principais características da comunicação de massa:

1) a produção e difusão institucionalizadas de bens simbólicos. A comunicação de massa pressupõe o desenvolvimento de instituições — isto é, feixes relativamente estáveis de relações sociais e recursos acumulados — interessadas na produção em larga escala e na difusão generalizada de bens simbólicos;

2) institui uma ruptura fundamental entre a produção e a recepção de bens simbólicos. Esses bens são produzidos para receptores que, de modo geral, não estão fisicamente presentes no lugar da produção e da transmissão ou difusão; eles são, literalmente, mediados pelos meios técnicos em que estão fixados e transmitidos;

3) aumenta a acessibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço. O distanciamento espaço-temporal presente na comunicação de massa é também afetado pelas condições como as formas simbólicas são recebidas e consumidas. Em virtude da ruptura instituída entre produção e recepção, a natureza e a extensão do distanciamento podem depender das práticas sociais e das condições técnicas de recepção;

4) implica a circulação pública das formas simbólicas. Os produtos de comunicação de massa são produzidos, em princípio, para uma pluralidade de receptores.

Os meios de comunicação podem transformar a vida das pessoas em acontecimentos públicos, e acontecimentos públicos podem ser vivenciados em situações privadas, como ocorre quando os problemas de estado são vistos ou lidos na privacidade de uma casa.

Thompson (1999, p. 345) diz:

não podemos analisar o caráter ideológico da comunicação de massa analisando apenas as características organizacionais das instituições da mídia ou as características das mensagens da mídia. Ao contrário, as mensagens da mídia devem, também, ser analisadas em relação aos contextos e processos específicos em que elas são apropriadas pelos indivíduos que as recebem.

Os vários meios de comunicação de massa definem parâmetros amplos e neles as mensagens transmitidas adquirem um caráter ideológico.

A mídia, formadora de opinião, dita o que é importante e o que será discutido no tempo que quiser.

O papel da mídia é de fundamental importância para a nossa vida cotidiana. Hoje, é difícil imaginar um mundo sem livros e jornais, sem rádio e televisão, e sem os inúmeros outros meios de comunicação.

Os jornais, as estações de rádio e televisão apresentam dia a dia, semana a semana, um fluxo contínuo de palavras e imagens, informação e idéias a respeito dos acontecimentos ocorridos em lugares que não são o nosso ambiente social.

As revistas, por meio de reportagens, podem exercer influência sobre o leitor, que recebe as informações com um juízo de valor previamente definido. O objetivo da mídia pode ser verificado por meio da linguagem empregada.

A *Veja* — objeto de minha pesquisa — é uma revista conceituada, de grande impacto nacional, de grande poder informativo e persuasivo, e pode exercer ou não influência sobre os leitores.

Para ilustrar, cito manchetes da revista *Veja* que, mesmo nas capas, deixa transparecer a formação, pela mídia impressa, da identidade do presidente Lula, personagem principal da minha pesquisa.

Figura 1 - CONFRONTO NO ABC



Fonte: *Veja*, edição de 28 de março de 1979, capa.

Figura 2 - O PREÇO DA INTRANSIGÊNCIA



Fonte: *Veja*, edição de 09 de abril de 1980, capa.

Figura 3 - LULA LIGHT



Fonte: *Veja*, edição de 04 de julho de 2001, capa.

Figura 4 - TRIUNFO HISTÓRICO



Fonte: *Veja*, edição de 31 de outubro de 2002, capa.

Figura 5 - COMO SAIR DESSA?



Fonte: *Veja*, edição de 31 de março de 2004, capa.

Figura 6 - O BANDO DOS 40



Fonte: *Veja*, edição de 13 de abril de 2006, capa.

1.3 Objetivos

O objetivo geral é tentar responder a duas questões direcionadoras do meu trabalho: 1) qual ou quais as ideologias que permeiam o discurso da mídia impressa sobre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva? 2) quais as estratégias discursivas utilizadas pela mídia impressa para construção identitária do presidente Luiz Inácio Lula da Silva?

Para responder às questões formuladas, enumero os seguintes objetivos específicos:

- 1) analisar a capa e respectiva reportagem de um exemplar da revista *Veja*, que retratam o presidente Lula, com vistas a trazer à tona a intencionalidade do produtor dos signos nessas representações;
- 2) demonstrar como a revista *Veja* construiu a imagem do presidente Lula por ocasião dos escândalos de corrupção que envolvem o governo;
- 3) compreender as conseqüências das escolhas lingüísticas para formação da identidade de uma figura pública como a do presidente Lula.

Observo, nos objetivos apontados, que a composição das linguagens verbal e visual tem função comunicativa importante em revistas, jornais, propagandas etc. porque envolve combinação complexa de elementos. Em situações oportunas, constitui discurso mais forte que um texto no qual predomina apenas a língua escrita e deixa transparecer a intenção ideológica que permeia o discurso da mídia impressa.

2 TEORIAS NORTEADORAS

O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

As teorias norteadoras desta pesquisa fundamentam-se na Teoria Social do Discurso e na Análise de Discurso Crítica formuladas por Norman Fairclough (2001); nas estratégias ideológicas presentes tanto no texto verbal como no visual com base nos *modus operandi* propostos por John B. Thompson (1999); na concepção do discurso semiótico apresentada por Kress e van Leeuwen (1996, 2001) e na abordagem de gêneros desvendada por Mikhail Bakhtin (1997) e Luiz Antônio Marcuschi (2005).

2.1 Discurso

A produção de discurso é uma atividade em que figuram, simultaneamente, questões de forma e questões de significado de um texto, sendo este ambivalente e aberto a várias interpretações.

O discurso está imbuído do uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. É uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

Há três aspectos que constróem os efeitos do discurso: as identidades sociais e as posições de sujeito, os sujeitos sociais e os tipos de eu; as relações sociais entre as pessoas e a construção de sistemas de conhecimento e crença.

Esses efeitos correspondem a três funções da linguagem:

1) identitária – são os modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso;

2) relacional – são como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas;

3) ideacional – são os modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações.

Fairclough (2001) desenvolve uma perspectiva tridimensional do discurso e destaca três tradições analíticas: a textual, denominada como “descrição”; a prática discursiva e a prática social, ambas denominadas como “interpretação”.

O estudioso, apesar de ter consciência de que uma análise textual é potencialmente uma análise da prática social e vice-versa, delimita os campos da análise de cada prática da seguinte forma:

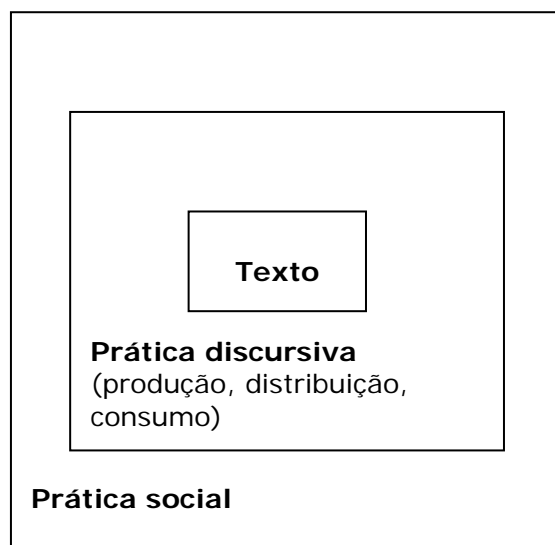
1) análise da prática textual - o vocabulário, que trata principalmente das palavras individuais; a gramática, que trata das palavras combinadas em orações e frases; a coesão, que trata da ligação entre orações e frases; e a estrutura textual, que trata das propriedades organizacionais de larga escala dos textos;

2) análise da prática discursiva - a força dos enunciados, que são os tipos de atos de fala (promessas, pedidos, ameaças etc.) por eles constituídos; a coerência e a intertextualidade;

3) análise da prática social - ideologia e hegemonia.

A concepção tridimensional proposta por Fairclough é representada em forma de diagrama no Quadro 1.

QUADRO 1 - Diagrama de Concepção Tridimensional do Discurso



Fonte: Fairclough, 2001, p.101.

Pela figura pode-se perceber que o texto envolve a parte central tanto da prática social (costumes, crenças, atitudes etc.) como da discursiva (produção, distribuição, consumo), para então se concretizar.

Dentro da nova proposta, Chouliaraki e Fairclough (1999) repensam a forma do discurso e reúnem as práticas discursiva e social em uma única prática para efeitos de análise, como também dão maior importância às outras modalidades de discurso não-verbal.

A partir do texto, a análise tridimensional deve levar em conta em que tipo de gênero discursivo se encontra o material a ser analisado.

Passo a desenvolver o conceito de texto que será muito usado na minha pesquisa.

2.2 Texto

Pode-se observar, desde a Antigüidade, uma preocupação com a delimitação e a nomeação de texto. O conceito de texto depende das concepções que se tenha de língua e de sujeito.

Segundo Koch (2006), na concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto como um produto — lógico — do pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor/ouvinte senão captar essa representação mental, justamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel essencialmente passivo.

A Linguística Textual é fundamentada por várias concepções de texto.

A autora ressalta que essas concepções se imbricam em determinados momentos e destaca:

1 - texto como frase complexa ou signo lingüístico mais alto na hierarquia do sistema lingüístico (concepção de base gramatical);

2 - texto como signo complexo (concepção de base semiótica);

3 - texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas (concepção de base semântica);

4 - texto como ato de fala complexo (concepção de base pragmática);

5 - texto como discurso “congelado”, como produto acabado de uma ação discursiva (concepção de base discursiva);

6 - texto como meio específico de realização da comunicação verbal (concepção de base comunicativa);

7 - texto como processo que mobiliza operações e processos cognitivos (concepção de base cognitivista);

8 - texto como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos (concepção de base sociocognitiva-interacional).

Entre as doze teses apresentadas por Antos (*apud* KOCH, 2004, p. 172) destaco:

Os textos são condição de possibilidade de se tornar o conhecimento explícito, de segmentá-lo, diferenciá-lo, pormenorizá-lo, de inseri-lo em novos contextos, permitir sua reativação, de testá-lo, avaliá-lo, corrigi-lo, reestruturá-lo, tirar novas conclusões a partir daquilo que já é compartilhado e de representar linguisticamente, de forma nova, novas relações situacionais e sociais.

Mainguenu (2001, p. 56) afirma ser o texto “o enunciado como um todo, como constituindo uma totalidade coerente”. Em linha próxima, Beaugrande (1997, p. 10) diz ser o texto “evento comunicativo no qual convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais”.

Adoto essas definições de texto, apenas fazendo a ressalva de que, além de ações lingüísticas, no ato comunicativo de um texto, as ações extralingüísticas também são de grande relevância para que o evento discursivo tenha sucesso. Nesse evento, o texto desempenha o papel de mediador do ato comunicativo, em que emissor/produtor/planejador/autor recorre a uma variedade de modos para construir um sentido na mensagem destinada ao receptor/leitor/ouvinte.

Uma vez que a busca pela significação do discurso multimodal constitui um norteador da minha pesquisa, cabe especificar também o que se entende por texto multimodal.

2.3 Texto multimodal

Com base na afirmação de que a escrita não mais desempenha papel central na comunicação, pois divide esse papel com outras modalidades como visual, sonora, gestual, entre outras, a multimodalidade é realizada por uma série de formas representativas que tomam parte na construção de sentidos.

Os textos multimodais são responsáveis pelos efeitos dos diferentes modos de representação, o que torna impossível interpretar os textos com a atenção voltada somente à língua escrita ou oral. Para ser lido, o texto deve combinar vários modos semióticos. Para fortalecer essa idéia Kress (1996) afirma que, embora a escrita tenha sido o meio de comunicação mais valorizado nos últimos séculos, é inegável que outros meios semióticos coexistam com ela. Além disso, sempre houve comunicação multissemiótica, e as mudanças ocorridas com o texto nada mais são do que alteração de foco. Portanto, a informação no texto passa a ser transmitida por diferentes recursos multimodais.

Segundo Kress e van Leeuwen (1996, p. 183), texto multimodal “é aquele cujo significado se realiza por mais de um código semiótico”. De acordo com os mesmos autores, essas mudanças envolvem o “fim da linguagem monomodal” e as análises devem focar mais os sistemas semióticos — em lugar de uma linguagem baseada apenas em sistemas de escrita. Em artigo posterior, explicam que nos

textos multimodais a produção ou leitura de textos sempre envolve conjuntos de modos semióticos; cada modalidade tem suas potencialidades específicas de representação e de comunicação, produzidas culturalmente; a maneira de ler os textos multimodais deve considerar os textos coerentes em si mesmos; tanto os produtores quanto os leitores exercem poder em relação aos textos; escritores e leitores produzem signos complexos — textos — que emergem do “interesse” do produtor do texto; o “interesse” descreve a convergência de um complexo conjunto de fatores: histórias sociais e culturais, contextos atuais e ações dos produtores dos signos sobre o contexto comunicativo; o “interesse” em representações aptas e em uma comunicação efetiva significa que os produtores de signos elegem significantes (formas) apropriadas para expressar significados (sentidos), de maneira que a relação entre significante e significado é motivada e não-arbitrária.

Em conformidade com a linha lançada por Kress e van Leeuwen, Mainguenau (2001, p. 65) afirma:

a diversificação das técnicas de gravação e de reprodução da imagem e do som vem modificando consideravelmente a representação tradicional do texto: este não se apresenta mais unicamente como um conjunto de signos sobre uma página, mas pode ser um filme, uma gravação em fita cassete, um programa em disquete, uma mistura de signos verbais, musicais e de imagens em um CD-ROM...

Pode-se dizer que o texto multissemiótico, por sua construção multimodal, consegue sintetizar as expressões de poder presentes na comunicação humana.

O interesse do produtor de signos conduz a uma relação motivada entre significado e significante. Como bem disse Mainguenau, o texto pode se apresentar também como um filme, uma gravação em fita cassete, uma mistura de signos verbais, musicais, imagéticos etc., o que me leva a examinar, agora, a ciência Semiótica.

2.4 Semiótica

Para explicar o papel da semiótica na minha pesquisa é necessário destacar que a concepção tridimensional do discurso pode ir além do texto verbal, segundo propõem estudiosos que se preocuparam, sobretudo, com o texto visual.

Antes de tudo, é preciso alertar para o fato de que o século XX viu nascer e está testemunhando o crescimento de duas ciências da linguagem: a Lingüística, ciência da linguagem verbal, e a Semiótica, ciência de toda e qualquer linguagem. (SANTAELLA, p. 9-10).

A Semiótica tem sido descrita de várias formas: como ciência dos signos, do comportamento simbólico e dos sistemas de comunicação. Mas para a autora a Semiótica é a ciência geral de todas as linguagens, é algo nascendo e em processo de crescimento, é um território do saber e do conhecimento ainda não sedimentado, indagações e investigações em processo.

A semiologia nasceu de um projeto de Saussure (1987), tendo como objeto o “estudo da vida dos signos no seio da vida social”. Entre os sistemas semiológicos, o autor enumera os ritos, os costumes e a lingüística. Entretanto, neste último sistema, há um paradoxo já que a lingüística faz-se necessária à semiologia, pois é ela que coloca e discute, de maneira satisfatória, o problema do signo, definido por ele como conjunção arbitrária de um significante (ou imagem acústica) e um significado (sentido ou idéia).

Por meio da língua é que o ser humano dá vazão a suas emoções e aos seus sentimentos, solicita ajuda, ameaça, promete, dá ordens, faz perguntas e

afirmações. Nenhum outro sistema de comunicação, humano ou não, parece ter a mesma flexibilidade e versatilidade.

A posição saussurreana deve-se muito ao que dizia sobre o enunciado, considerado um ato individual e, portanto, uma noção não-pertinente lingüisticamente. Esse posicionamento determinou o foco dos estudos lingüísticos na linguagem escrita, deixando o modo oral e, posteriormente, o modo imagético em segundo plano.

Apesar de haver algumas diferenças de entendimento sobre os princípios da semiótica, o que há em comum é a necessidade de desenvolver um modo único e compreensivo para falar dos diferentes modos de representação na comunicação.

Segundo Kress e van Leeuwen (1996), as últimas décadas presenciaram mudança bastante abrangente na mídia, nos modos de comunicação. Os periódicos da década de 60 eram impressos em preto e branco e cobertos de caracteres escritos; já os desta década são coloridos, cheios de imagens, e em muitos deles, principalmente no Ocidente, os caracteres escritos têm quase desaparecido das páginas.

Todas essas mudanças expostas pelos autores reforçam a idéia de que o cenário semiótico está sendo feito nos modos de representação e de comunicação. Três aspectos principais dessa mudança são enfocados: as novas relações de língua e imagem; mudanças na escrita que, possivelmente, como consequência, causaram mudanças nos modos de representação e de comunicação em geral; especulações sobre uma nova teoria de significados.

Os estudiosos citados procuram afirmar que a comunicação sempre foi multissemiótica, e o que está acontecendo, no momento, apesar de não ser nada

novo, é uma mudança significativa. Afirmam também que, hoje, parece haver um novo código de texto e imagem, em que a informação é transmitida diferentemente pelos dois modos. Essa nova situação de comunicação e de representação é nada mais que uma relação de complexidade e demanda cognitiva diferente.

Segundo a nova perspectiva semiótica, a visualização tornou-se termo corriqueiro nos círculos de informação tecnológica, para traduzir a nova onda de representação visual de informação, que anteriormente era codificada apenas pela linguagem (língua escrita ou verbal).

A propósito, Santaella (2005) diz que a Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.

Embora Peirce considerasse toda e qualquer produção, realização e expressão humana como sendo uma questão semiótica, isso não significa que a ciência semiótica tenha sido por ele concebida como uma ciência onipotente, ou toda suficiente, visto que, segundo ele, qualquer todo suficiente é necessariamente insuficiente. (SANTAELLA, 2005, p. 23).

Sendo a ideologia componente indissociável do signo lingüístico, as interpretações visuais também não são alheias à ideologia. Seja qual for a modalidade da língua a ser tratada, visual ou verbal, é primordial considerar ambas igualmente ideológicas. Dessa forma, passo, agora, ao exame do conceito de ideologia.

2.5 Ideologia

O conceito de ideologia é fundamental para a Teoria Social do Discurso e a Análise de Discurso Crítica.

Fairclough (2001) aponta o discurso como prática política e ideológica e o situa em relação à ideologia e ao poder. Nas práticas discursivas há ideologias embutidas que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

O autor afirma que a ideologia investe a linguagem de várias maneiras em vários níveis, que diz respeito aos aspectos ou aos níveis do texto e do discurso que podem ser investidos ideologicamente e que tanto os sentidos das palavras quanto outros aspectos semânticos, tais como as pressuposições, as metáforas e a coerência, são importantes.

Fairclough (2001, p. 117) entende as ideologias como:

significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução, ou a transformação das relações de dominação.

Diz, ainda, que os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras.

Para Thompson (1999, p. 35-80) a interpretação da ideologia se apóia nas fases da análise sócio-histórica e na análise formal ou discursiva, mas ela lhes

dá uma ênfase crítica: usa-as com o objetivo de desmascarar o sentido que está a serviço do poder.

O estudioso distingue dois tipos gerais de concepção de ideologia: neutras e críticas. As primeiras tentam caracterizar fenômenos como ideologia, sem implicar que esses fenômenos sejam, necessariamente, enganadores e ilusórios, ou ligados a interesses de algum grupo específico. Conforme essa concepção, ideologia é, em princípio, acessível a qualquer pessoa que tenha os recursos e as habilidades de adquiri-la e empregá-la. Já as concepções críticas possuem um sentido negativo, crítico ou pejorativo e implicam que o fenômeno caracterizado como ideologia é enganador, ilusório ou parcial.

Para desenvolver a reformulação de ideologia, o autor destaca três aspectos: a noção de sentido, o conceito de dominação e as maneiras como o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação. O sentido aí estudado é o das formas simbólicas (ações, falas, imagens e textos produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos) que estão inseridas em contextos e processos socialmente estruturados, nos quais existem diferenças na distribuição e no acesso a recursos de vários tipos. Isso faz com que as pessoas, de acordo com a localização social delas, tenham mais ou menos poder (socialmente e institucionalmente) para tomar decisões, atingir seus objetivos e interesses. Quando há relações “sistematicamente assimétricas” estabelecidas, há dominação.

Somente observando a interação entre sentido e poder nas situações concretas da vida social é que saberemos como o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação.

Para esse estudo, Thompson distingue cinco modos gerais de operação da ideologia: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação.

Esses modos de operação não são as únicas maneiras com que a ideologia opera. Ela pode realizar-se independentemente ou em união com outros, sendo que também existem modos que operam a ideologia na modalidade visual.

Com relação às estratégias, elas não são intrinsecamente ideológicas, dependem de como são usadas e construídas em circunstâncias particulares.

Nas palavras de Thompson (1999, p. 82):

O exame dessas estratégias típicas de construção simbólica pode alertar-nos para algumas maneiras como o sentido pode ser mobilizado no mundo social e como pode delimitar um raio de possibilidades para a operação da ideologia.

Para compreender de forma ampla o conceito de ideologia para a Análise de Discurso Crítica, é preciso partir do princípio de que as ideologias são sociais, às vezes compartilhadas por grupos e são individuais somente em seu uso pessoal, contextual, o que nesse sentido se assemelha a sistemas de línguas.

As ideologias, além de legitimar o poder e a desigualdade (aspectos negativos), servem também para preparar os grupos dominados, gerar solidariedade, organizar a luta e sustentar uma oposição (aspectos positivos). Em ambos os casos, as ideologias servem para proteger os interesses e os recursos, ainda que persigam privilégios injustos ou condições mínimas de existência. Enfim, as ideologias servem aos grupos e aos membros na organização e no manejo dos seus objetivos.

Ressalto, ainda, que vários autores entendem a ideologia somente como um sistema de crenças ou formas e práticas simbólicas.

Já que os estudiosos Fairclough e Thompson concordam que ideologia é um fator determinante para a formação das identidades sociais e relações sociais entre as pessoas, procedo, a seguir, à apresentação do conceito de identidade.

2.6 Identidade

Como o discurso contribui para a construção de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem (FAIRCLOUGH, 2001), neste momento, passo ao conceito de identidade.

De acordo com Giddens (2002), a identidade é construída lingüisticamente, sendo esse o protótipo das relações sociais. Para o autor, a primeira identidade de um falante é a língua, ou seja, primeira matriz de identidade social do sujeito.

Atualmente, a preocupação com a identidade dá-se em vários níveis: nas identidades nacionais, étnicas e pessoal, o que envolve a identidade sexual e a interpessoal.

Na área social, os últimos vinte anos sofreram transformações sociais e econômicas profundas em uma escala global (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999). A mudança econômica trouxe mudanças nas relações de trabalho e na cultura; o desenvolvimento na tecnologia da comunicação abriu novas formas de experiência, conhecimento e de relações entre as pessoas, o que é reforçado pela afirmação de Hall (2004, p. 13):

à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e

cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente.

Por um lado, essas mudanças ofereceram novas oportunidades e possibilidades, e, por outro, causaram sofrimento para grupos sociais e indivíduos, que desenvolveram um sentimento de desamparo e de incompreensão, afetando profundamente o sentido do “eu”.

A identidade é entendida como aquilo que somos. Mas quando afirmamos aquilo que somos, estamos implicitamente negando o que não somos (SILVA, 2000, p. 74).

O processo de identificação envolve os efeitos constitutivos do discurso e deve ser visto como um processo dialético no qual o discurso está inculcado nas identidades. Para compreender melhor o “eu”, Fairclough (2003, p. 159) diz que “o que você é, trata-se parcialmente de como você fala, como escreve, assim como é também uma questão de expressão corporal — como você olha, a forma como fica parado, como se move, e assim por diante”. O autor chama essa maneira de se manifestar de estilos e o define como “o aspecto discursivo das formas do ser, ou seja, das identidades”. Por sua vez, os estilos levam à identificação, que é a forma como as pessoas se identificam e são identificadas pelas outras.

A formação identitária, nessa nova abordagem, pode ser vista de forma mais abrangente: é o resultado da soma de identidade social + personalidade. Isso significa que o conceito de identidade contribui para considerar uma relação dialética entre identidade social e identidade pessoal, ou personalidade.

Para empreendermos um estudo discursivo temos de entender, entre outras coisas, como se dá a formação das identidades na pós-modernidade.

Nesse sentido, vale ressaltar que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência do momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade”. (HALL, 2004, p. 38).

Na próxima seção, vou dedicar-me aos gêneros discursivos nos quais se abriga texto multimodal por mim selecionado para analisar.

2.7 Gêneros Discursivos

O estudo de gêneros tem-se desenvolvido para examinar diferentes textos produzidos nas mais diferentes situações e comunidades.

Marcuschi (2005) diz que os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia e se caracterizam como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais.

Observa que novos gêneros não são inovações absolutas, pois se ancoram em textos já existentes.

Ressalta que, nos últimos dois séculos, foram as novas tecnologias, em especial as ligadas à área de comunicação, que propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais e criaram formas comunicativas próprias com um certo hibridismo que desafiam as relações entre oralidade e escrita. O meio propagador foram as diversas mídias, que permitiram maior integração entre os vários tipos de semioses

— signos verbais, sons, imagens e formas em movimento, o que caracteriza os gêneros compostos por textos multimodais.

Os grandes suportes tecnológicos da comunicação — o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet —, por terem presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social, propiciam e abrigam gêneros novos bastante característicos.

Os gêneros textuais se caracterizam e se definem por aspectos sócio-comunicativos e funcionais. Em muitos casos, as formas determinam o gênero e, em vários outros, as funções. Mas haverá casos em que o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem determinarão o gênero presente. (MARCUSCHI, 2005, p. 20-21).

Uma conceituação relevante no estudo de gêneros é a distinção entre tipo textual e gênero textual, traçada por Marcuschi, conforme demonstra o quadro abaixo.

QUADRO 2 - Quadro sinóptico sobre tipos textuais e gêneros textuais

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1. constructos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas;	1. realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
2. constituem seqüências lingüísticas ou seqüências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos;	2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Fonte: Marchuschi, 2005, p. 23.

As categorias citadas na primeira definição do autor são estratégias utilizadas para organizar a linguagem, em alguns casos independentemente da função comunicativa do gênero textual ao qual estão relacionadas.

A partir do século XV, com o advento da imprensa, os gêneros tomaram grandes proporções. Na atualidade, a tecnologia proporcionou o aparecimento de novos gêneros. A variedade dos gêneros discursivos é muito grande e abrange tanto situações de comunicação oral quanto de escrita

Muitos gêneros encontrados hoje são adaptações de outros gêneros pré-existentes.

Bakhtin (1997, p. 302) afirma que “se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível”. O autor disse também que a transmutação dos gêneros é a assimilação de um gênero por outro, gerando novos e que a origem dos gêneros está nas relações sociais. A produção de enunciados reflete as condições e os objetivos do meio social, acadêmico, político, religioso ou de qualquer outra natureza. Os enunciados são marcados por aspectos específicos do meio e não precisam ser recriados toda vez que for necessário o ato de comunicar. Ou seja, existem tipos de enunciados considerados padrão e utilizados em determinadas situações. A esses tipos relativamente estáveis de enunciados o autor denominou de “gêneros do discurso”.

Partindo do raciocínio de que as esferas sociais e os gêneros realizados na sociedade são heterogêneos, Bakhtin (1997) subdivide os gêneros do discurso em duas categorias:

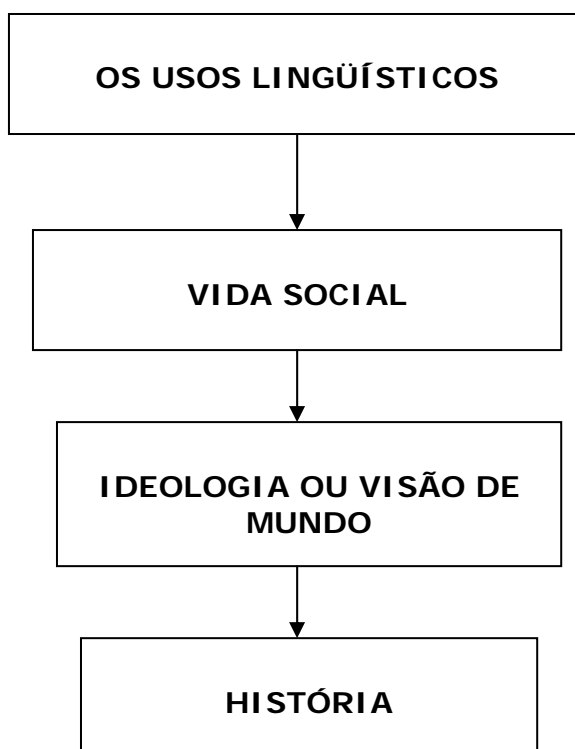
1) primários (ou simples) - aparecem em comunicações espontâneas do dia-a-dia, em conversas face a face;

2) secundários (ou complexos) - aparecem em situações culturais complexas e mais desenvolvidas, sobretudo na escrita, como é o caso de um romance, de um discurso científico, ideológico, entre outros.

O autor ressalta a pouca importância dada aos gêneros primários ou simples, por considerar que neles residem as informações necessárias para descobrir a importância da situação, das finalidades e da relação de um enunciado com enunciados anteriores e as expectativas de resposta (verbal ou não-verbal, imediata ou atrasada) que cada enunciado gera.

Como complemento à discussão sobre gêneros discursivos, Bakhtin ressalta que a relação entre os elementos esboçados no quadro abaixo serviu de base para o estudo de gênero discursivo.

QUADRO 3: Bases para o estudo de gênero discursivo de acordo com Bakhtin



Dessa maneira, afirma que há quatro aspectos que determinam um gênero: os temas; a estrutura interna; o registro ou estilo funcional utilizado; relativa estabilidade do todo (ligada às mudanças históricas e estilos da língua e gêneros discursivos).

A propósito, Bakhtin afirma que se pode descrever ou analisar um gênero concreto em termos da maneira específica em que se concretizam e se articulam com seus componentes: a situação, os participantes, as finalidades, as funções, a organização estrutural interna, o tom, os instrumentos verbais e não-verbais e as formas de interação e de interpretação que caracterizam e regulam uma classe de eventos. É a partir da análise empírica dos eventos particulares que se pode descobrir e descrever os gêneros em torno dos quais se organiza a vida cotidiana, tanto a privada quanto a pública e institucional de um grupo cultural concreto.

Pode-se deduzir que a escolha do gênero é significativa na produção do texto. Dessa forma, os discursos proferidos em cada gênero assumem especificidades e um mesmo assunto pode ser disseminado em gêneros diferentes e por modos semióticos diferentes. Exemplo disso são a matéria de capa e a capa de revista que serão analisados nesta pesquisa.

2.7.1 Gênero matéria de capa/reportagem

A linguagem é usada na mídia impressa para formar idéias e crenças. Na imprensa, o papel da estrutura lingüística na construção das idéias é muito importante. A notícia é socialmente construída, pois o importante não é tanto o evento noticiado, mas a operação complexa e artificial envolvida nos critérios de

seleção. Após ser selecionada, passa por um processo de transformação antes de ser publicada. Ela será selecionada se for vista sob certo enfoque de representação. Portanto, a seleção envolve um ato de interpretação ideológica. A mídia precisa disfarçar o fato de que é na realidade um discurso institucional. A tarefa não é somente de estilo, mas também ideológico, pois conceitos institucionais precisam ser transformados em pensamentos pessoais.

A mídia não publica simplesmente o que acontece, mas o que pode ser considerado e apresentado como merecedor de publicação. O produto não é a notícia nem o jornal nem a revista, mas os leitores.

A matéria de capa ou reportagem principal apresenta alguns itens que se repetem. O lide (parte introdutória de matéria jornalística, na qual se procura dar o fato, objetivo e sinteticamente, com o fim de responder às questões o quê, quem, quando, onde, como e por quê) é um exemplo e se repete em qualquer matéria jornalística.

Toda reportagem de capa da revista *Veja* apresenta uma manchete, um sutiã (o termo é um jargão jornalístico para designar o pequeno texto que tem por função resumir o assunto da reportagem, localiza-se entre a manchete e a reportagem) e um texto verbal corrido. Entretanto, a reportagem de revista atual é um texto essencialmente multimodal. Dessa forma, a composição do *layout* do texto se faz também por meio gráfico-visual (o termo gráfico-visual é utilizado para designar imagens, figuras, elementos visuais diferentes das letras, já que estas também se configuram como elementos visuais), tais como boxes, fotos, tabelas, figuras, diagramas, etc., configurando que o gênero também se define por sua forma, além dos aspectos socioculturais e funcionais, conforme pensa Marcuschi (2002). Essas são características de todo gênero reportagem. O que diferencia o

subgênero reportagem de capa é a escala de importância deste tipo de matéria, que é a principal e a mais desenvolvida no sentido de propiciar maior detalhamento dos fatos. Uma característica que diferencia a reportagem de revista da de jornal, segundo Lustosa (1999, p. 104), é que:

a matéria da revista é geralmente descompromissada com o factual e com os acontecimentos rotineiros, objetivando muito mais uma interpretação dos fatos e a análise de suas conseqüências, pois raramente pode ou procura oferecer novidades no sentido do que é assegurado pelas emissoras de televisão, de rádio e pelos jornais.

Desta forma, em termos bakhtiniano e marcuschiniano, a matéria de capa é um gênero discursivo. De acordo com o primeiro, é de segunda ordem e, conforme o segundo, acompanhou as neotecnologias utilizadas pela mídia moderna, já que a informatização dos veículos impressos se intensificou após os anos 80. Houve uma profunda mudança estética, segundo Lustosa (1996), “adotando-se a notícia plástica (aquela que informa o leitor por meio de recursos estéticos) ou iconográfica, com ampla utilização de gráficos, ilustrações, desenho”.

2.7.2 Gênero capa de revista

Uma reflexão, a partir da proposta bakhtiniana, permite ponderar que a capa de revista se enquadra na categoria de gênero secundário, pois sofre um processo de formação e aparece em situação de comunicação mais complexa. Os gêneros de discurso segundos (ou complexos) são os que “aparecem nas circunstâncias de uma troca cultural (principalmente escrita) — artística, científica, sócio-política — mais complexa e relativamente mais evoluída” (BAKHTIN, 1997). Esses discursos segundos emergem de instituições sociais e tendem a explorar e a

recuperar os discursos primeiros, ou seja, sofrem um processo de formação, visto que aparecem em circunstâncias de comunicação mais elaboradas, podendo ser considerada até um discurso terceiro, já que a capa de revista é produzida com base na matéria de capa, um gênero segundo.

A capa de revista aparece na instituição social jornalística como um enunciado estável. Isso, porque, em geral, a revista tem uma capa e nela se estampa o tema considerado mais relevante. Além disso, toda capa oferece uma comunicação mais elaborada, haja vista os recursos gráfico-visuais utilizados para chamar a atenção do leitor, os quais devem estar em consonância com o gênero segundo — artigo, entrevista, ou qualquer outro gênero a partir do qual o gênero capa de revista será construído.

Após ter definido os gêneros discursivos a serem estudados, passo a discorrer sobre os passos metodológicos que orientam minha pesquisa.

3 PASSO A PASSO DA METODOLOGIA

O que é necessário é uma visão mais holística do processo de pesquisa social, para que ele possa incluir a definição e a revisão de um problema, sua teorização, a coleta de dados, a análise dos dados e a apresentação dos resultados. (BAUER, GASKELL & ALLUM, 2003, p. 25).

Neste capítulo apresento as razões que me levaram a escolher a matéria *O Bando dos 40*, publicada pela revista *Veja*, edição de 19 de abril de 2006, bem como as categorias analíticas selecionadas por Fairclough, Thompson e Kress e van Leeuwen.

A exposição deste capítulo está organizada em três partes: localização dos dados; categorias analíticas e proposta de análise.

3.1 Localização dos dados

Por meio da prática da Análise de Discurso Crítica, busco desvelar os aspectos ideológicos na linguagem da mídia impressa que levam à formação identitária do presidente Lula na reportagem *O Bando dos 40*, que subsidiarão a análise do *corpus* deste trabalho.

A geração dos dados começou por conta de estudo que realizei a respeito da mudança discursiva do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao longo da vida política. Sendo o tema relevante, interessei-me a ir mais além, ou seja, em investigar quais as ideologias permeiam o discurso da mídia impressa sobre o presidente Lula

e quais as estratégias discursivas utilizadas pela mídia impressa para construção identitária do presidente Lula.

O método de coleta de dados consistiu na busca de documentos formais: capas e matérias de capa da revista *Veja* sobre o tema corrupção.

Ao iniciar a pesquisa, percebi que há muitas capas de *Veja* que fazem alusão ao tema corrupção, mas selecionei para analisar, sob a visão multimodal, a Análise de Discurso Crítica e a ideologia, os gêneros capa e matéria de capa/reportagem de artigo publicado em 19 de abril de 2006, intitulada *O Bando dos 40*, por representarem melhor o recorte do momento (contexto sócio-histórico), no qual Lula é figura pública importante.

A revista foi escolhida em razão da sua grande circulação nacional, por ser conceituada e ter grande poder informativo e persuasivo.

Selecionei as seguintes categorias para analisar as linguagens envolvidas na produção dos textos verbal e visual:

- 1) Kress e van Leeuwen (1996, 2001) para a gramática visual;
- 2) John Thompson (1999) para a análise das estratégias de operação da ideologia;
- 3) Norman Fairclough (2001, 2003) para análise das práticas discursivas, textuais e da prática social.

Com essa seleção pretendo abranger os vários aspectos relativos à composição de sentidos dos textos verbal e visual, para assim detectar os aspectos ideológicos na linguagem da mídia impressa que levam à formação identitária do presidente Lula.

Passo à apresentação das categorias analíticas propostas por Fairclough, Thompson e Kress e van Leeuwen.

3.2 Categorias analíticas de Fairclough

Entre as várias categorias propostas por Fairclough para análise de discurso selecionei as seguintes:

3.2.1 Intertextualidade manifesta por meio da pressuposição

Segundo Fairclough (2001), intertextualidade manifesta é o caso em que se recorre explicitamente a outros textos específicos em um texto.

A intertextualidade manifesta levanta questões sobre o que vai na produção de um texto, mas também diz respeito às características que estão manifestas na superfície do texto. O objetivo é especificar o que outros textos estão delineando na constituição do texto que está sendo analisado e como isso ocorre.

A intertextualidade se manifesta por meio da pressuposição quando proposições ou são tomadas pelo(a) produtor(a) do texto como já estabelecidas ou dadas (embora haja a questão sobre para quem elas são dadas), e há várias pistas formais na organização de superfície do texto para mostrar isso.

As pressuposições são formas efetivas de manipular as pessoas, porque elas são freqüentemente difíceis de desafiar. As pressuposições manipulativas também requerem sujeitos interpretantes com experiências e suposições

particulares em textos anteriores e, assim fazendo, elas contribuem para a constituição ideológica dos sujeitos.

3.2.2 Intertextualidade manifesta por meio da ironia

De acordo com o autor, a intertextualidade se manifesta por meio da ironia quando se quer dizer uma coisa e significar outra. O reconhecimento da ironia pode se basear na evidente falta de combinação entre o significado aparente e o contexto situacional; nas indicações no tom de voz do(a) falante ou no texto escrito (por exemplo, pôr palavras entre aspas simples); ou pressupostos dos intérpretes sobre as crenças ou os valores do(a) produtor(a) do texto.

3.2.3 *Ethos*

O objetivo é reunir as diversas características que vão em direção à construção do eu, ou de identidades sociais, na amostra. O *ethos* envolve não apenas o discurso, mas todo o social.

3.2.4 Significado das palavras

A ênfase está nas palavras-chave que têm significado cultural geral ou mais local; nas palavras cujos significados são variáveis e mutáveis; e no significado potencial de uma palavra como um modo de hegemonia e um foco de luta.

3.2.5 Metáfora

A metáfora desempenha um grande papel na criação lexical. Ela penetra em todos os tipos de discurso. Além disso, conforme registra Fairclough (2001, p. 241):

as metáforas não são apenas adornos estilísticos superficiais dos discursos. Quando nós significamos coisas por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra. As metáforas estruturam o modo como pensamos e o modo como agimos, e os nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental.

Dessa forma, a metáfora também é um construto social, é o reflexo das atividades, crenças, valores de uma sociedade.

Neste trabalho, pretendo caracterizar as metáforas usadas na amostra discursiva, em contraste com as metáforas para sentidos similares em outro lugar, e determinar que fatores (cultural, ideológico etc.) determinam a escolha da metáfora.

3.2.6 Efeitos ideológicos e políticos do discurso

O conceito de ideologia é fundamental para a Teoria Social do Discurso e a Análise de Discurso Crítica. Fairclough (2001) aponta o discurso como prática política e ideológica e o situa em relação à ideologia e ao poder. Nas práticas discursivas há ideologias embutidas que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

É útil focalizar os efeitos ideológicos e hegemônicos particulares como os sistemas de conhecimento e crença e as relações sociais e identidades sociais ('eu').

Segundo o autor, há sempre análises alternativas possíveis para as amostras discursivas, e emerge a questão de como os analistas podem justificar as análises que propõem (como podem 'validá-las'). Não há uma resposta simples, e tudo o que se pode fazer é decidir, diante das análises alternativas, qual parece ser preferível na avaliação da evidência disponível. Há vários fatores a serem levados em conta. Um deles é a extensão com que uma análise proposta explica a amostra discursiva.

Ao distinguir esses modos e desenvolver essas conexões, meu objetivo é, simplesmente, esboçar, de modo preliminar, um campo rico de análise.

3.3 Categorias analíticas de Thompson

Segundo Thompson (1999), a ideologia opera em uma variedade de contextos da vida cotidiana. Contudo, o autor acredita que a interpretação da ideologia deve ser ancorada em uma análise sócio-histórica, na análise formal discursiva com ênfase crítica, como também em uma análise semiótica, para desmascarar o sentido que está a serviço do poder.

A análise de ideologia proposta por Thompson interessa-se nas maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder e como é construído o sentido no mundo social para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder e sustentar relações de dominação.

Somente observando a interação entre sentido e poder nas situações concretas da vida social é que saberemos como o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação.

3.3.1 *Modus operandi* da ideologia

Na concepção de Thompson a ideologia atua, basicamente, de acordo com cinco modos de operação: legitimação (por meio da racionalização, universalização e narrativação); dissimulação (por meio do deslocamento, da eufemização e do tropo); unificação (por meio da estandardização ou padronização e da simbolização da unidade); fragmentação (por meio da diferenciação e do expurgo do outro) e reificação (por meio da naturalização, eternalização e da nominalização/passivização).

Entre esses modos de operação selecionei os seguintes para minha análise:

1 - Legitimação (apresenta as relações de dominação como legítimas, justas e dignas de apoio) por meio da

- racionalização - o produtor de uma forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínio que procura justificar um conjunto de relações sociais e com isso convencer uma audiência de que é digno de apoio;

2 - Fragmentação (segmenta aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes, dirigindo forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso, ameaçador) por meio do

- expurgo do outro - envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso ou ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente.

A proposta de Thompson não pretende ser definitiva ou restritiva. Em outras palavras, esses cinco modos não constituem as únicas maneiras com que a ideologia opera, bem como as estratégias dependem de seu uso e de sua construção em circunstâncias particulares. É válido ressaltar que também existem modos que operam a ideologia na modalidade visual, o que será explicitado no quarto capítulo, no qual realizo minha análise.

3.4 Categorias analíticas de Kress e van Leeuwen

De acordo com Kress e van Leeuwen (1996), o discurso multimodal ocupa um espaço cada vez mais representativo nas práticas sociais contemporâneas. Nessa perspectiva, é “impossível interpretar textos prestando atenção somente na língua escrita, pois um texto multimodal deve ser lido em conjunção com todos os outros modos semióticos desse texto”.

Dessa forma, os autores lançam mão das seguintes categorias de análise:

3.4.1 Participantes representados e interativos

“Participantes” é o termo técnico usado para designar objetos e elementos presentes em uma composição gráfico-visual. Há dois tipos de participantes na modalidade gráfico-visual:

a) representados - são os participantes os quais são o objeto da comunicação (pessoas, lugares, coisas, incluindo coisas abstratas). São os participantes sobre os quais se está falando, escrevendo ou produzindo imagens;

b) interativos - são os receptores, para os quais se dirige a mensagem. Kress e van Leeuwen (1996) utilizam o termo inglês *viewer* para os leitores dos textos imagéticos.

3.4.2 Processos narrativos

O processo narrativo ocorre quando participantes são conectados por um vetor, sendo, dessa forma, representados como “fazendo algo para o outro”. É o que Kress e van Leeuwen (1996) chamam de “regra narrativa vetorial”. As leis narrativas servem para apresentar, revelar ações e eventos, processos de mudança, adaptações espaciais transitórias.

De acordo com o tipo de vetor, o número e os tipos de participantes envolvidos distinguem-se os processos narrativos em:

a) classificatório - relata participantes pelo tipo de reação que se estabelece entre eles. Em um cenário de participantes, um terá o papel de

subordinado em relação a outro participante principal. Estruturas classificatórias representam participantes em termos de seu lugar na ordem estática, rótulos e explicações verbais as quais os acompanham.

b) simbólico - o que o participante significa ou é, sendo que ocorre principalmente em fotos.

Após a apresentação das categorias de análise dos textos verbal e visual, passo à análise dos dados propriamente dita.

4 ANÁLISE TÉCNICA

“É relevante não somente analisar, mas descrever bem o processo.” (TAYLOR e BOGDAN, 1998, p. 168)

Neste capítulo, apresento as conseqüências de todas as escolhas feitas no decorrer do trabalho.

Como gênero discursivo, a capa, de modo geral, apresenta uma estrutura fixa. A revista *Veja*, na maioria de suas edições, exibe apenas uma manchete em suas capas. No entanto, há edições que apresentam duas manchetes. Além disso, podem ocorrer as chamadas de capa, configuradas em pequenos textos que abordam o assunto iniciado na manchete. Há outras partes constitutivas das capas que são fixas. A referida revista apresenta no canto direito superior uma espécie de cabeçalho que contém o nome da editora, o número da edição, o ano, o número e a data da revista. Outro item fixo é o logotipo (marca da revista), que, neste caso, é o próprio nome da revista sempre abaixo do cabeçalho. Entre as partes fixas, constitui característica das capas de *Veja* apresentar uma interpenetrabilidade entre as semioses para compor uma mensagem coerente e, portanto, passível de significações.

4.1 Aplicação das categorias de Fairclough

As matérias de *Veja* são compostas, geralmente, pelas modalidades verbal e visual. Pode-se afirmar que, na atualidade, qualquer artigo sobre os mais diferentes assuntos tem algum tipo de apoio visual, e com as matérias de capa não é

diferente, que se intensifica no caso da capa e da matéria de capa sobre a corrupção que paira sobre o país.

a) Intertextualidade manifesta por meio da pressuposição

As pressuposições são reveladas por meio do uso constante de vocabulário que remete à existência de uma máfia do PT que deve ser combatida.

Vejamos textualmente:

“(...) em que seus íntimos planejam as mais criativas formas de assalto ao dinheiro do povo. Depois da arrasadora denúncia da quadrilha petista feita por Antonio Fernando de Souza (...)”

Outra questão a ser considerada acerca da pressuposição é se são sinceras ou manipulativas. Elas são manipulativas porque a todo momento é demonstrada uma tendência dos autores do texto em direcionar o entendimento do leitor por meio do uso de figuras de autoridade que comprovam a veracidade dos fatos.

Vejamos textualmente:

“Ali estão descritos em detalhes e com precisão jurídica os mecanismos de funcionamento do que talvez seja — com exceção da nomenklatura soviética — a maior quadrilha jamais montada com o objetivo de garantir a continuidade no poder de um mesmo grupo político, o PT de Lula. A hierarquia da quadrilha descrita pelo promotor tem como chefe José Dirceu, deputado cassado por corrupção que foi ministro-chefe da Casa Civil de Lula.”

b) Intertextualidade manifesta por meio da ironia

Ao se referir à possível participação de Lula no esquema de corrupção, os autores da reportagem demonstram ironia ao descrever como o procurador-geral apresentou o relatório final, pois, segundo esse documento, não fica clara a participação do presidente.

Vejamos textualmente:

“O procurador-geral deixou vago no organograma da quadrilha o posto logo acima de José Dirceu. Mas o quebra-cabeça não é de difícil solução. Basta montar as peças e aparece o mais provável ocupante daquele posto. É isso que aponta o bom senso. Basta tentar montar com as peças do quebra-cabeça uma outra imagem que não a de Lula. Não encaixa.”

c) *Ethos*

O *ethos* trata da construção da identidade social de Lula segundo a reportagem. Em diversos trechos fica clara a intenção dos autores em caracterizar o presidente como o chefe da gangue.

Vejamos textualmente:

“Todos os homens do Presidente”.

“Afinal, se estava alheio a tudo, pode-se inferir sem exagero que Lula desconhecia como se construía o apoio a seu governo e ignorava o que faziam seus principais auxiliares”.

“Os líderes oposicionistas preferem que Lula fique no cargo, embora sangrando e desmoralizado, a promover um delicado processo de impeachment

contra um presidente que, apesar de tudo, reúne sólido apoio popular — mais de 40%, conforme as últimas pesquisas eleitorais”.

“Por não atender aos mínimos requisitos lógicos, o dilema de saber ou não saber tornou-se uma questão ultrapassada. O que se precisa investigar agora é como Lula se articulava com o bando dos 40. Que relações financeiras tinha com o ‘chefe da quadrilha’, o deputado cassado José Dirceu?”

d) Significado das palavras/metáfora

Nesta categoria procuro investigar qual a intenção dos autores do texto em empregar a todo momento palavras que remetam à constituição de uma organização criminal nas bases do governo.

Tal escolha vocabular também revela o pensamento político dos autores, que são contra o atual governo, retratando-o como inimigo do povo por meio do emprego de metáforas.

Vejamos textualmente:

“O ex-ministro José Dirceu é descrito como o ‘chefe do organograma delituoso’. José Genoíno, ex-presidente do PT, aparece como o ‘interlocutor visível da organização criminosa’. Delúbio Soares, o ex-tesoureiro, é o ‘elo com as ramificações operacionais da quadrilha’. Sílvio Pereira, o ex-secretário, tinha a ‘função primordial’ de distribuir cargos no governo — de onde saíam oceanos de dinheiro público para o PT e outros partidos. A camarilha dos quatro, segundo a denúncia, compunha o núcleo central do esquema, no qual se concebia o crime. No plano operacional, esse núcleo central se aliou à ‘quadrilha’ do lobista Marcos Valério e seus sócios, que já tinham experiência no tráfico de dinheiro desde a campanha do tucano Eduardo Azeredo ao governo mineiro, em 1998”.

4.2 Aplicação das categorias de Thompson

Thompson (1999) afirma ser o exame da ideologia primordial para qualquer análise lingüística que busque levar em conta o entendimento das relações sociais de dominação.

Como a amostra selecionada para a análise se origina do discurso da mídia impressa, torna-se inquestionável a importância de um exame detalhado das marcas ideológicas presentes neste discurso e, dessa forma, de uma melhor compreensão dos efeitos ideológicos na formação das identidades sociais às quais a amostra remete.

Passo, portanto, à aplicação de alguns dos *modus operandi* da ideologia proposta por Thompson aos trechos selecionados.

a) Legitimação por meio da racionalização

Neste modo de operação ideológica as relações de dominação são apresentadas como legítimas, justas e dignas de apoio. Nos trechos abaixo a racionalização é na apresentação da cadeia de raciocínio dos autores do texto, que buscam convencer o leitor de que são dignos de apoio.

Vejamos textualmente:

“Do tesoureiro ao presidente do partido, do marqueteiro da campanha presidencial aos principais ministros, todos os homens do presidente Lula foram denunciados por crimes como corrupção, peculato e lavagem de dinheiro. Embora jure que não sabia de nada, Lula é o principal beneficiário da ação criminosa”.

b) Fragmentação por meio do expurgo do outro

Outra marca ideológica presente na amostra é a fragmentação por meio do expurgo do outro em que os autores do texto buscam a construção de um inimigo, no caso Lula e o PT, que passam a ser retratados como maus, perigosos, ameaçadores e contra os quais os indivíduos são chamados a resistir coletivamente.

Vejamos textualmente:

“Ali estão descritos em detalhes e com precisão jurídica os mecanismos de funcionamento do que talvez seja — com exceção da nomenklatura soviética — a maior quadrilha jamais montada com o objetivo de garantir a continuidade no poder de um mesmo grupo político, o PT de Lula”.

4.3 Aplicação das categorias analíticas de Kress e van Leeuwen

A proposta de Kress e van Leeuwen (1996) diz respeito ao exame das características ideológicas do discurso com base no exame de diferentes formas de realização da linguagem, além da modalidade escrita, pois, segundo esses autores, o entendimento da composição de sentidos de várias modalidades revela novas possibilidades de construção discursiva que também levam leitores ingênuos a um determinado posicionamento ideológico que atende ao interesse dos produtores dos signos.

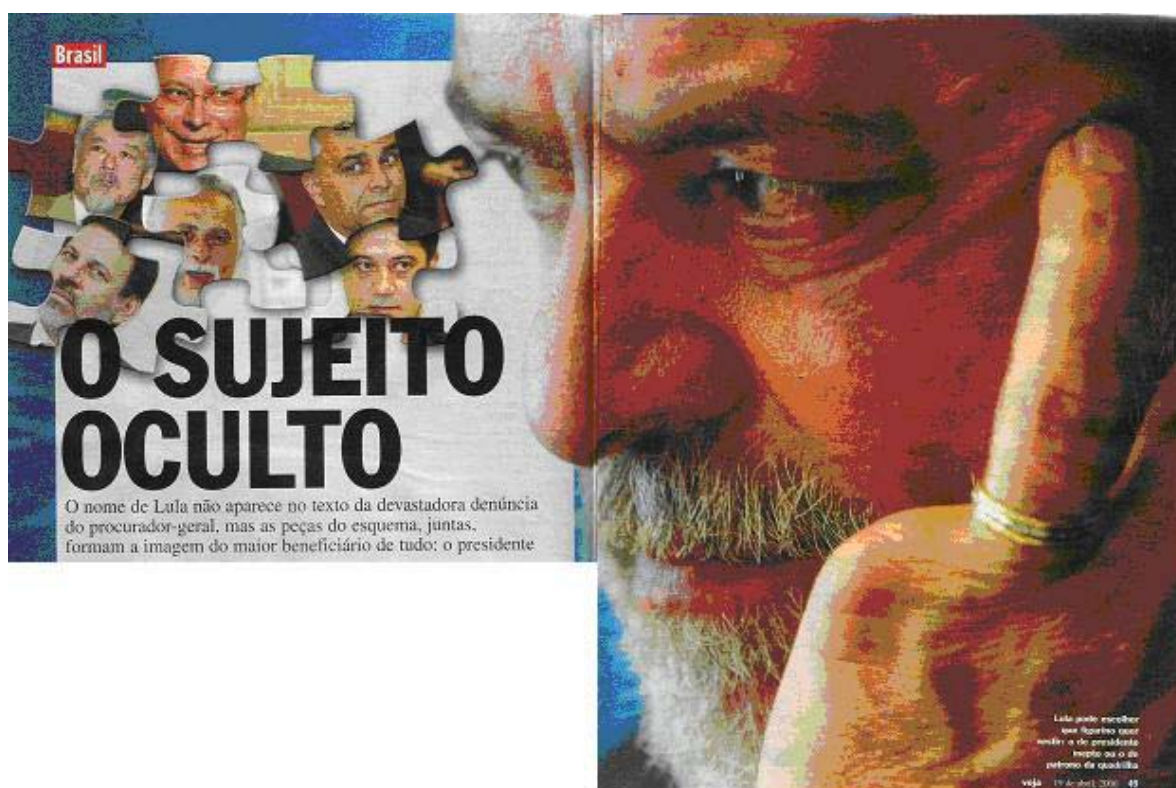
Passo ao exame da multimodalidade empregada na reportagem.

Categoria dos participantes:

a) participantes representados

Em vários trechos da reportagem busca-se retratar os participantes representados que são o objeto da comunicação. No caso, esses participantes são todos os envolvidos no esquema de corrupção do governo Lula.

Figura 7 - O Sujeito Oculto



Fonte: *Veja*, edição 1952, de 19 de abril de 2006, p. 48-49.

Nesta representação os políticos do PT são retratados em forma de peça de quebra-cabeça que, ao se encaixarem, passam a formar a imagem do verdadeiro “culpado” pela corrupção instaurada na política brasileira, o próprio Lula. A figura de Lula, ao ser retratada por expressão de preocupação em página inteira, direciona o leitor a acreditar em sua possível responsabilidade no esquema, pois a imagem busca revelar as características de um “réu”. Ou seja, alguém que teme.

Outra composição entre modalidade verbal e visual que revela os participantes representados é o retrato da quadrilha do PT, construída por meio da imagem destacada de José Dirceu e logo em seguida, em ordem de importância, dos outros envolvidos.

Figura 8 - A quadrilha do PT



Fonte: *Veja*, edição 1952, de 19 de abril de 2006, p. 50-51.

A frase "**A quadrilha do PT**" está escrita em vermelho, cor que remete ao símbolo do partido, a fim de chamar a atenção do leitor para o fato de que o PT manchou o país com a onda de corrupção, representada em todo o quadro pelos envolvidos, em ordem de importância, e pela cor preta.

Figura 9 - O Bando dos 40



Fonte: *Veja*, edição 1512, de 19 de abril de 2006, capa.

A constituição de capa é também reveladora do papel social de cada um dos participantes representados. A cabeça de Lula é formada pela figura dos 40 personagens que formam a “quadrilha”, o que remete ao conteúdo a ser tratado na reportagem, pois a todo momento será tratado o fato de Lula se dizer alheio ao esquema de corrupção montado. Isso demonstra composição entre linguagem verbal e visual.

b) participantes interativos

Correspondem a esta categoria os leitores-alvo da amostra que, segundo Kress e van Leeuwen, são os chamados *viewers*, leitores de textos imagéticos.

No caso, a revista *Veja* é direcionada à classe média alta brasileira.

Dos processos narrativos:

a) processo classificatório

No tocante a este processo leva-se em conta o tipo de reação que se estabelece entre os participantes representados, pois em um cenário de participantes um terá o papel de subordinado a outro principal. Isso fica claro nas estruturas classificatórias da amostra.

Figura 10 - O Bando dos 40



Fonte: *Veja*, edição 1512, de 19 de abril de 2006, capa.

No caso da capa e das imagens apresentadas na reportagem, podemos afirmar que Lula passa a ser o participante principal, mesmo negando esse papel. E todos os outros participantes são subordinados a ele.

b) processo simbólico

Neste processo deve ser levado em consideração o que o participante significa ou é. Lula seria o Ali Babá dos 40 ladrões, que são os componentes do quebra-cabeça constantemente representados pela revista.

Figura 11 - O Bando dos 40



Fonte: *Veja*, edição 1952, de 19 de abril de 2006, capa.

Neste capítulo, analisei a capa e a matéria de capa da revista *Veja*, tendo em vista as modalidades escrita e imagética que as compõem. Desvelei os aspectos ideológicos na linguagem da mídia impressa que levam à formação identitária do presidente Lula, por ocasião dos escândalos de corrupção que envolvem o governo.

No próximo capítulo, tecerei as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meu trabalho, busquei descrever e interpretar as modalidades verbal e visual sobre a corrupção que atualmente grassa no País. Levei em conta o fato de que a composição dos sentidos entre essas modalidades pode revelar pistas significativas sobre o processo de formação de identidades. Observei que, assim como a modalidade verbal, a modalidade visual compõe significados mediante uma sintaxe imagética, o que configura a existência de uma nova gramática que exige nível de leitura crítico. Além disso, constatei que no gênero capa os significados são construídos principalmente pela modalidade visual, mas há inter-relação das semioses verbal e visual. A modalidade lingüística é menos destacada. No texto multimodal interno da revista, a imagem tem o papel de chamar atenção do leitor para pontos que o produtor considera bastante relevantes.

No primeiro capítulo, expus os objetivos e as questões iniciais que nortearam o trabalho. No segundo, apresentei as teorias que ancoraram a análise dos textos, com destaque para a Teoria Social do Discurso, a Semiótica Social e a Ideologia. No terceiro, busquei caracterizar os procedimentos metodológicos da pesquisa e as categorias de análise empregadas. No quarto capítulo, o analítico, pude demonstrar que os produtores dos textos deixam pistas significativas para que os leitores as construam de forma direcionada. Alguns exemplos dessas pistas são as estruturas sintáticas, as escolhas vocabulares, que configuram recursos lingüísticos utilizados pelos produtores nos textos verbais e que funcionam como estratégias de manipulação. Constatei que a construção do texto imagético pode ser feita pela composição espacial, pela escolha das cores e do processo narrativo, já que o discurso é um conjunto de práticas que estão armazenadas numa memória

coletiva, social e institucionalizada. Portanto, há de se pensar nas várias maneiras de significar um texto, uma vez que são múltiplos os significados que se escondem na não-transparência da linguagem e fazem parte de uma movimentação contínua. É preciso ressaltar que o sentido não está no texto, mas na relação que este mantém com quem produz, com quem lê, com outros textos e com outros discursos possíveis.

Outra constatação é de que as modalidades verbal e visual podem ser lidas de várias maneiras — da esquerda para a direita, de cima para baixo, linha por linha, pode ser circular, diagonal ou em espiral — e quem estabelece a conexão entre elas é o leitor.

Com relação à primeira questão de pesquisa — qual ou quais as ideologias que permeiam o discurso da mídia impressa sobre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva? —, foi possível verificar que os recursos utilizados para desqualificar Lula e o PT corroboram o modo de funcionamento da ideologia presente na matéria, a qual opera pela legitimação por meio da racionalização, que busca, na apresentação da cadeia de raciocínio dos autores do texto, convencer o leitor de que são dignos de apoio, e pela fragmentação por meio do expurgo do outro em que os autores do texto buscam a construção de um inimigo, no caso Lula e o PT, que passam a ser retratados como maus, perigosos, ameaçadores e contra os quais os indivíduos são chamados a resistir coletivamente.

Quanto à segunda questão de pesquisa — quais as estratégias discursivas utilizadas pela mídia impressa para construção identitária do presidente Luiz Inácio Lula da Silva —, pude verificar que a identidade de Lula é construída pela intertextualidade manifesta por meio da pressuposição, reveladas pelo uso constante de vocabulário que remete à existência de uma máfia do PT que deve ser

combatida, e pela pressuposição manipulativa, pois a todo momento é demonstrada uma tendência dos autores em direcionar o entendimento do leitor por meio do uso de figuras de autoridade que comprovam a veracidade dos fatos. Outra observação sobre a construção identitária de Lula se faz pela intertextualidade manifesta por meio da ironia, quando os autores demonstram ironia ao descrever, por exemplo, como o procurador-geral apresentou o relatório final, pois, segundo esse documento, não fica clara a participação do presidente.

O *ethos*(eu) é outra estratégia discursiva utilizada pela mídia, na reportagem, para construir a identidade social do presidente. Em diversos trechos fica clara a intenção dos autores em caracterizar o presidente como o chefe da gangue. Também teve grande força argumentativa o significado das palavras e as metáforas que remetem à constituição de uma organização criminal nas bases do governo, retratando o presidente Lula como inimigo do povo.

Finalmente, pude constatar que há uma mídia — dominante, articulada, informada e privilegiada — que pressupõe, fragmenta, ironiza e expurga todo o tempo.

Ficam claros, na capa e ao longo da matéria de capa/reportagem, os inúmeros mecanismos utilizados para convencimento do leitor sobre o ponto de vista dos autores. Subjacentes a esses mecanismos estão as crenças e os valores que se pretende manter ou mudar e as identidades que se pretende construir, desconstruir ou reforçar. Quando o produtor ou o consumidor de um texto tem consciência da existência desses mecanismos lingüísticos e ideológicos, ele aumenta a visão crítica em relação ao que é dito não só explicitamente, mas sobretudo ao que está nas entrelinhas. Essa percepção lhe dá um maior poder para promover mudança social.

Uma análise discursiva pautada no exame do que permeia o texto ideológico visa à conscientização da importância de uma leitura crítica do que nos é apresentado cotidianamente pela mídia impressa. Um olhar ingênuo sobre esse discurso apenas atende ao interesse dos produtores de texto em representar o que eles querem e com isso formar convenções que atendem aos seus propósitos ideológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEAUGRAND, R. de. *New Foundations of a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom Access to knowledge and Society*. Norwood, N.J.: Ablex, 1997.

Veja on-line. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br>>. Acesso em: 17 jul. 2006. 14:20.

CHOULIARAKI, L. e FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburg University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Analysing Discourse*. Edinburg University Press, 2003.

FERRAZ, Janaína de Aquino. *A Formação Identitária do Brasileiro: um Enfoque Multimodal*. 2005. 108 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade de Brasília. 2005.

FONTENELE, Thaís de Oliveira. *A Significação do Discurso Multimodal Midiático*. 2004. 113 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade de Brasília. 2004.

FOUCAULT, Michel L. *A Ordem do Discurso*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à Lingüística Textual*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Desvendando os Segredos do Texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KRESS, G. R. e van LEEUWEN, T. *Reading Images: a Grammar of Visual Design*. Londres: Routledge, 1996.

_____. *Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

LUSTOSA, E. *O Texto da Notícia*. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

MAINGUENAU, D. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. (Org). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

O Bando dos 40. *Veja*. São Paulo, edição 1952, ano 39, n. 15, capa, abril. 2006.

O Sujeito Oculto. *Veja*. São Paulo, edição 1952, ano 39, n. 15, p. 48-56, abril. 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1987.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estados Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era da comunicação de massa*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

ANEXOS

ANEXO A



ANEXO B

Brasil



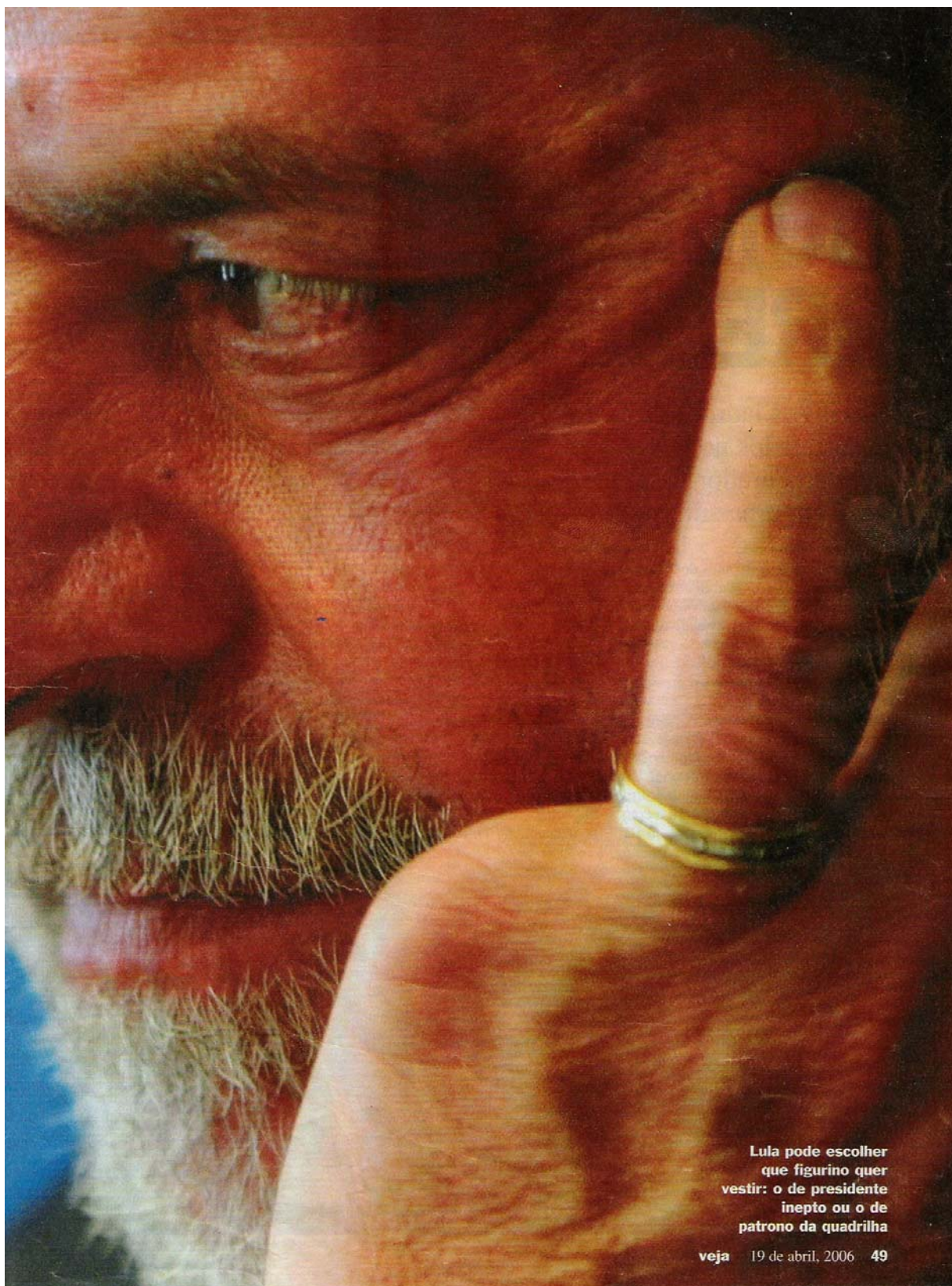
O SUJEITO OCULTO

O nome de Lula não aparece no texto da devastadora denúncia do procurador-geral, mas as peças do esquema, juntas, formam a imagem do maior beneficiário de tudo: o presidente

Antes a questão era: sabia e é conivente ou não sabia e é um presidente apalermado, vagando em um palácio em que seus íntimos planejam as mais criativas formas de assalto ao dinheiro do povo. Depois da arrasadora denúncia da quadrilha petista feita por Antonio Fernando de Souza, procurador-geral da República, Luiz Inácio Lula da Silva ficou na incômoda situação de explicar como se pôde armar ao seu redor uma quadrilha tão numerosa e organizada. É devastador para um presidente que não pode subir em um tijolo sem proclamar que seu governo é autor de alguma façanha sem igual na história da humanidade. Ora é "o maior programa social do mundo", ora é "a melhor política externa que o Brasil já teve"...

Bem, se pode reclamar um recorde, o governo Lula talvez devesse ler com cuidado o texto da denúncia oferecida por Antonio Fernando de Souza. Ali estão descritos em detalhes e com precisão jurídica os mecanismos de funcionamento do que talvez seja — com exceção da *nomenklatura* soviética — a maior quadrilha jamais montada com o objetivo de garantir a continuidade no poder de um mesmo grupo político, o PT de Lula. A hierarquia da quadrilha descrita pelo promotor tem como chefe José Dirceu, deputado cassado por corrupção que foi ministro-chefe da Casa Civil de Lula. Abaixo dele estão quase todos os "companheiros de luta" de Lula, gente com quem ele conviveu intimamente por quase três décadas. O procurador-geral deixou vago no organograma da quadrilha o posto logo acima de José Dirceu. Mas o quebra-cabeça não é de difícil solução. Basta montar as peças e aparece o mais provável ocupante daquele posto. É isso que aponta a lógica mais razoável. É isso que aponta o bom senso. Basta tentar montar com as peças do quebra-cabeça uma outra imagem que não a de Lula. Não encaixa.

48 19 de abril, 2006 veja



Lula pode escolher
que figurino quer
vestir: o de presidente
inepto ou o de
patrono da quadrilha

veja 19 de abril, 2006 49



TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE

São 40 os ladrões de dinheiro público encastelados no governo do PT e denunciados pelo procurador-geral. Isso deixa Lula em uma situação pior que a de Collor

Em seus dezoito anos de história, o Ministério Público Federal jamais produziu um libelo tão demolidor quanto o divulgado na semana passada. São 136 páginas devastadoras para o Partido dos Trabalhadores e para o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Com uma linguagem clara e direta, o documento acusa a cúpula do PT de formar uma “sofisticada organização criminosa”, que se especializou em “desviar dinheiro público e comprar apoio político”, com o objetivo de “garantir a continuidade do projeto de poder” do PT

— e denuncia quarenta pessoas, num número que não é mais simbólico (veja a lista completa dos denunciados no rodapé desta e das páginas seguintes). É cedo para avaliar o impacto que uma denúncia desse porte poderá ter, e sobretudo seus desdobramentos na esfera jurídica e na política, mas já está claro que, pela primeira vez na história do país, um órgão de investigação independente flagrou um esquema de corrupção de proporções amazônicas encastelado no coração do Estado — um cenário aterrador diante do qual as traficâncias de Fernando Collor e seu



A QUADRILHA DO PT

Do tesoureiro ao presidente do partido, do marqueteiro da campanha presidencial aos principais ministros, todos os homens do presidente Lula foram denunciados por crimes como corrupção, peculato e lavagem de dinheiro. Embora jure que não sabia de nada, Lula é o principal beneficiário da ação criminosa. A seguir, os membros da quadrilha



JOSÉ DIRCEU

O “capitão do time” de Lula foi acusado de três crimes: ele era o “chefe da quadrilha”



DELÚBIO SOARES

O tesoureiro do PT coordenava o mensalão: corrupção, peculato e quadrilha



JOSÉ GENOÍNO

O petista negociava com partidos no Congresso: política com corrupção



LULA: MARQUES/OLYMPIA

tesoureiro PC Farias parecem trapalhadas de principiantes.

A denúncia do MP, ao descrever a máquina de corrupção que o PT montou dentro do governo, trata seus antigos dirigentes como comandantes de "quadrilha", uma palavra que o procurador, na sua linguagem direta, usa 21 vezes no documento. O ex-ministro José Dirceu é descrito como o "chefe do organograma delituoso". José Genoíno, ex-presidente do PT, aparece como o "interlocutor visível da organização criminosa". Delúbio Soares, o ex-tesoureiro, é o "elo com as ramificações operacionais da quadrilha". Silvio Pereira, o ex-secretário, tinha a "função primordial" de distribuir cargos no governo — de onde saíam oceanos de dinheiro público para o PT e outros partidos. A camarilha dos quatro, segundo a denúncia, compunha o núcleo central do esquema, no qual se concebia o crime. No plano operacional, esse núcleo central se aliou à "quadrilha" do lobista Marcos Valério e seus sócios, que já tinham experiência no tráfico de dinheiro desde a campanha do tucano Eduardo Azeredo ao governo mineiro, em 1998. O terceiro braço do esquema era formado pelos dirigentes do Banco Rural, que cediam sua estrutura e sua burocracia para a simulação de empréstimos financeiros e a distri-

O ESPECIALISTA

O ex-deputado Roberto Jefferson, que revelou o mensalão: ele sabia do que estava falando

buição do dinheiro — em "malas", "sacolas", "envelopes", "pacotes".

O documento serve como uma necropsia do PT, mas também é ar-



LUIZ GUSHIKEN
Denunciado por peculato, o ex-ministro geria contratos que bancaram o mensalão



MARCOS VALÉRIO
Com seis acusações, é o recordista em denúncias: um "profissional do crime"



DUDA MENDONÇA
Enfim apareceram as outras contas do marqueteiro de Lula: evasão e lavagem



JOÃO PAULO CUNHA
Acusado de corrupção, peculato e lavagem: uma máquina de fraudes



HENRIQUE PIZZOLATO
O petista comandava verbas do BB: propina e delação



PROF. LUIZINHO
Ex-líder do governo na Câmara, ele escapou da cassação, mas não da Justiça



SILVIO PEREIRA
O número 2 do PT virou símbolo da corrupção: Land Rover como propina



Diferentes, mas iguais

rasador para o presidente Lula, ainda que seu nome não seja mencionado no texto. Em primeiro lugar, porque derubou a alegação de que todas as acusações não passam de jogo eleitoral e intriga da oposição — ou, segundo os devaneios mais lisérgicos, de complô da mídia e conspiração das elites. Desta vez, o autor das denúncias é o procurador-geral da República Antonio Fernando de Souza, nomeado para o cargo pelo próprio presidente Lula. Em segundo lugar, e mais importante, porque a peça do MP afirma que a “organização criminosa” funcionava com o objetivo de sustentar o projeto de poder do PT — e é evidente que o beneficiário era o presidente. O novo quadro desmonta a principal defesa de Lula, que sempre disse desconhecer todas as ações ilegais e clandestinas em torno do mensalão. A tese de que não sabia de nada é juridicamente boa porque livra o presidente da acusação de impeachment, mas agora ela se tornou politicamente devastadora e logicamente insustentável. Compromete a própria capacidade de Lula de governar. Compromete sua autoridade, nem digamos moral, que essa já se exauriu, mas sua autoridade administrativa.

Afinal, se estava alheio a tudo, pode-se inferir sem exagero que Lula desconhecia como se construía o apoio a seu governo e ignorava o que faziam seus principais auxiliares. Um presidente pode ser enganado por autores da corrupção que ocorre num ministério de importância média comandado por um aliado recém-chegado — mas é in-

A comissão parlamentar de inquérito é um órgão do Congresso Nacional criado toda vez que deputados e senadores entendem que seja necessário fazer uma investigação aprofundada. Uma CPI tem poderes de polícia, podendo pedir quebra de sigilo telefônico, bancário ou fiscal ou dar ordem de prisão

Por iniciativa da oposição, criou-se a CPI com base numa reportagem de VEJA, publicada na edição de 14 de maio do ano passado, em que um funcionário dos Correios aparecia em vídeo cobrando propina

Tinha **32** membros, sendo dezesseis senadores e dezesseis deputados

Com poderes semelhantes aos de polícia, a CPI fez **566** convocações, quebrou **365** sigilos de pessoas e empresas e analisou **4 630** documentos

Ao encerrar seus trabalhos, a CPI produziu um relatório final de **1 828** páginas, aprovado por **dezessete** de seus **32** membros. O relatório foi encaminhado ao Ministério Público Federal, que, com base nele, decide se oferece ou não denúncia à Justiça. O documento está sendo analisado pelo Ministério Público

O relatório final da CPI pede a abertura de processo judicial contra **122** pessoas, tendo investigado o mensalão, irregularidades nos Correios e em outras estatais. A decisão sobre o pedido da CPI é tomada pelo Ministério Público Federal, que ainda está analisando o caso

No relatório da CPI, aparecem pelo menos **dez** crimes, entre os quais corrupção ativa, falsidade ideológica, lavagem de dinheiro, tráfico de influência, crimes contra a ordem tributária e crime eleitoral

O QUE É

O COMEÇO

OS MEMBROS

A INVESTIGAÇÃO

O RESULTADO

OS IMPLICADOS

OS CRIMES



PAULO ROCHA

O ex-líder do PT mandou assessora buscar dinheiro e, pilhado no crime, renunciou para não ser punido



ANITA LEOCÁDIA

Ao receber dinheiro para Paulo Rocha, também foi denunciada por lavagem



JOÃO MAGNO

Absolvido pela Câmara, é acusado de mascarar o destino do dinheiro



ALBERTO QUAGLIA

Denunciado por lavagem, o empresário era o biombo entre Valério e o PP



BRENO FISCHBERG

Suspeito de fazer parte do grupo que lavava dinheiro para o PP: branqueamento



ENIVALDO QUADRADO

Sócio de Quaglia e Fischberg na lavanderia do PP: quadrilha



BISPO RODRIGUES

Pilhado com 150 000 reais, renunciou: corrupção e lavagem

FOTOS DAS AGÊNCIAS BRASIL, OBRITONNEWS, CEPRESS, AGÊNCIA BRASIL, AG. O GLOBO, FOLHA IMAGEM, AG. ESTADO



O relatório da CPI e a denúncia do Ministério Público Federal têm genese distinta, mas ambos chegaram a conclusões idênticas

O Ministério Público Federal é um órgão independente e não está subordinado a nenhum dos três poderes — Executivo, Legislativo ou Judiciário. Com poderes ampliados pela Constituição de 1988, ele tem a competência para investigar autoridades com foro privilegiado, como parlamentares e o presidente da República

Por iniciativa do então procurador-geral Claudio Fonteles, instalou-se a investigação do MPF depois que o jornal *Folha de S. Paulo* publicou na edição de 6 de junho do ano passado uma entrevista com o então deputado Roberto Jefferson denunciando a existência do mensalão

O procurador-geral da República, Antonio Fernando Barros e Silva de Souza, que é o chefe do Ministério Público Federal, e outros **dois** procuradores

Os números da investigação do Ministério Público não são conhecidos. Sabe-se, no entanto, que os procuradores fizeram apurações próprias, mas também se valeram dos depoimentos e documentos obtidos pela CPI

A investigação do Ministério Público não foi concluída. Mas já produziu uma peça jurídica chamada "denúncia", com **136** páginas. A denúncia foi encaminhada ao Supremo Tribunal Federal, a mais alta corte do país, porque entre os acusados há autoridades com foro privilegiado. Agora, cabe ao STF dizer se aceita ou não a denúncia. Se aceitar, é aberto um processo judicial

O Ministério Público Federal apresentou denúncia contra **40** pessoas. O número de envolvidos é bem menor que o da CPI porque a investigação do MPF se limitou a apurar o mensalão. Com base na denúncia do MPF, o STF decidirá se abre ou não processo contra os denunciados

Na denúncia do MPF, há menções a **sete** tipos de crime: corrupção ativa, corrupção passiva, formação de quadrilha, peculato, lavagem de dinheiro, falsidade ideológica e crimes contra o sistema financeiro

verossímil que não seja informado sobre o que se faz no coração de seu governo, uma instituição como a Casa Civil, comandada por um homem como José Dirceu, a quem ele mesmo chamou de "capitão do time". Por não atender aos mínimos requisitos lógicos, o dilema de saber ou não saber tornou-se uma questão ultrapassada. O que se precisa investigar agora é como Lula se articulava com o bando dos 40. Que relações financeiras tinha com o "chefe da quadrilha", o deputado casado José Dirceu?

Diante do efeito demolidor da denúncia sobre Lula, a oposição voltou a falar em impeachment, mas a tendência é que tudo não passe de fogo de palha. No Congresso Nacional, casa em que se materializam as tensões políticas do país, percebe-se que a oposição quer levantar a discussão sobre o impeachment, mas não tem intenção de colocá-lo em prática. Os líderes oposicionistas preferem que Lula fique no cargo, embora sangrando e desmoralizado, a promover um delicado processo de impeachment contra um presidente que, apesar de tudo, reúne sólido apoio popular — mais de 40%, conforme as últimas pesquisas eleitorais. Mas, se existe leniência da oposição, que submete os interesses da nação às suas conveniências políticas, o escândalo do mensalão mostrou um dado a comemorar: existem instituições em pé no país — e, nesse cenário, o Ministério Público Federal ocupa lugar de destaque. "Essa denúncia é uma novidade absoluta, um avanço institucional significa-



ANDERSON

ADAUTO

O ex-ministro de Lula levou 1 milhão: denunciado por corrupção



JOSÉ LUIZ ALVES

O ex-assessor de Adauto foi o portador do dinheiro endereçado ao chefe



VALDEMAR

COSTA NETO

O ex-presidente do PL renunciou para escapar da punição: corrupção, lavagem e quadrilha



JACINTO LAMAS

Assessor de Valdemar, carregava malas de dinheiro: denunciado por três crimes



ANTÔNIO LAMAS

Irmão de Jacinto, ele ajudava a buscar dinheiro de Valério em Minas Gerais: tudo em família



JOSÉ BORBA

O ex-líder do PMDB levou 2 milhões, mas não entregou nenhum deputado



ZILMAR

FERNANDES

Sócia de Duda, posou de inocente na CPI, apesar das contas secretas



tivo", afirma o jurista Manoel Gonçalves Ferreira Filho, presidente da Associação Brasileira dos Constitucionalistas. A demissão de Antonio Palocci da Fazenda também mostrou o vigor institucional do país. O ministro, que fez uma administração impecável, contrastando com a lambança contra um simples caseiro que o incriminou, deixou o governo sem que houvesse turbulência alguma na economia. É um sinal eloquente de amadurecimento institucional. "A experiência do período autoritário foi tão penosa que é uma espécie de vacina contra qualquer saída radical, que não passe pelas vias institucionais", avalia Paulo Brossard, ex-ministro da Justiça e uma das melhores cabeças jurídicas do país.

A denúncia do MP, apesar de tudo o que já representa, ainda é parcial, pois as investigações não terminaram. Há sinais de que, mesmo nesta primeira etapa das investigações, podem surgir novidades nos próximos meses. No corpo da denúncia do MP aparecem lacunas que levam a crer que os procuradores não contaram tudo o que sabem. Um exemplo: a denúncia afirma que os 50 000 reais pagos por Marcos Valério ao deputado João Paulo Cunha, então presidente da Câmara, eram "propina" para viabilizar a contratação da SMPB pela Casa. De onde os procuradores tiraram essa certeza? A denúncia não esclarece, embora desça aos detalhes do pagamento. Isso pode ser uma falha na exposição da denúncia, mas é mais provável que seja uma tática. Um indício nessa direção está no fato de que



A PROPINA PRIMAL

Maurício Marinho, dos Correios, no vídeo pegando 3 000 reais de propina: o começo de tudo

a maior parte das provas apontadas na denúncia é formada por testemunhos já conhecidos de envolvidos no esquema — muitos dos quais prestados à CPI dos Correios. Não há, por exemplo, uma única menção a interceptações telefônicas, um tipo de prova que costuma integrar qualquer denúncia do MP, sobretudo em casos de corrupção. Também não há nenhuma referência a seis dos dezenove deputados mensaleiros pilhados pela CPI bicando no valerioduto. O deputado Josias Gomes, por exemplo, fez dois saques, de 50 000 reais cada um, no Ban-

co Rural de Brasília. Seu nome não aparece nem na lista de testemunhas nem na de denunciados. Por que será?

VEJA ouviu de um membro do Ministério Público que participou da investigação uma explicação para as aparentes lacunas da denúncia. Falando em tese, essa fonte disse que omissões e supressões são comuns quando se quer ocultar procedimentos da sindicância que ainda está em curso. Em técnicas especiais de investigação, como o uso de réus-colaboradores infiltrados, há casos em que procuradores



RAMON HOLLERBACH
Sócio das agências DNA e SMPB, ele foi acusado de cinco crimes



CRISTIANO PAZ
Outro sócio de Valério, ele tentou ocultar as provas dos crimes: no comando do esquema



ROGÉRIO TOLENTINO
O advogado também tentou destruir provas: elo de Valério com o Rural



GEIZA DIAS
Acusada de quatro crimes, ela autorizava os saques enviando e-mails ao Rural em Brasília



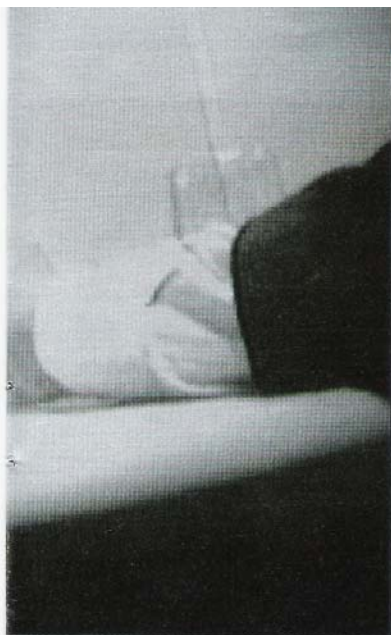
SIMONE VASCONCELOS
Sob as ordens de Valério, ela pagava o mensalão: até carro-forte



JOSÉ ROBERTO SALGADO
O vice do Rural é velho conhecido da polícia: quatro crimes, inclusive lavagem



AYANNA TENÓRIO
Executiva do Rural acusada de integrar a quadrilha: mecanismo de branqueamento



chegam a denunciar criminalmente o delator, ainda que depois peçam perdão judicial para o criminoso, apenas para despistar os suspeitos. No caso específico da investigação conduzida pelo procurador Antonio Fernando, VEJA soube da identidade de pelo menos um réu-colaborador, cujo trabalho permitiu à investigação conclusões incisivas — e aparentemente aéreas — sobre o esquema montado pelo PT. Trata-se do doleiro Lúcio Bolonha Funaro, dono da Guaranhuns Participações, que repassou pelo menos 6,5 milhões de reais ao PL a mando da cúpula do PT. “Antonio Fernando é um procurador experiente,

O IMPLACÁVEL ANTONIO

O procurador-geral da República, Antonio Fernando de Souza, é um profissional discreto, disciplinado e rigoroso. Na semana passada, a personalidade desse cearense de 57 anos, casado e pai de três filhos, rompeu os círculos profissional e familiar e se cristalizou na devastadora peça de

acusação contra os quarenta membros da quadrilha do mensalão petista. Para preparar a denúncia apresentada ao Supremo Tribunal Federal (STF), Antonio Fernando coordenou o trabalho de colegas, que costumavam varar as madrugadas em absoluto sigilo. Católico praticante, do tipo que frequenta missa e lê a Bíblia, ele foi implacável ao denunciar, e por um, os principais dirigentes do governo que o nomeou para o cargo de procurador-geral, em junho do ano passado, graças ao decisivo apoio do ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos. “Ele sempre falava que não iria manchar a biografia para ajudar o governo”, diz um colega de trabalho. Bingo!

Antonio Fernando já havia demonstrado sua independência no ano passado, quando pediu a quebra do sigilo ban-

cário do presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, no processo em que a mais alta autoridade monetária do país é acusada de evasão de divisas. Já a disciplina do procurador-geral fica visível quando se conhece sua rotina em Brasília. Após sofrer um infarto que lhe causou

dezessete paradas cardíacas no fim de 2000, Antonio Fernando se tornou um paciente exemplar. Ele não fuma, não bebe álcool e faz caminhadas diárias nas proximidades de sua residência localizada no Lago Sul, bairro chique de Brasília. Sempre que pode, vai almoçar em casa, para que a dieta de carne branca grelhada e saladas não seja comprometida. “O médico não proibiu nada. Foi ele quem decidiu abrir mão disso tudo”, garante um assessor.

Avesso a qualquer tipo de badalação, o procurador foge até dos eventos sociais que o cargo lhe inflige. No mês passado, quando o então presidente do STF, Nelson Jobim, deixou o cargo, Antonio Fernando não foi à festa de despedida. Devia estar ocupado com coisas mais relevantes, como a denúncia que desmoralizou o governo petista.



O procurador-geral: uma peça exemplar



KÁTIA RABELLO
Dona do Rural, ela mentiu à CPI e foi acusada de quatro crimes: na coordenação



VINÍCIUS SAMARANE
Diretor do Rural, também operava a lavanderia do PT: crimes em série



ROMEU QUEIROZ
O deputado foi acusado de vender apoio político: no esquema do PTB



ROBERTO JEFFERSON
O homem que denunciou o mensalão vendeu o PTB ao PT: 20 milhões



EMERSON PALMIERI
O tesoureiro do PTB era membro do governo: corrupção e lavagem



JOSÉ JANENE
O ex-líder do PP distribuía dinheiro do mensalão aos correligionários: 4,1 milhões



PEDRO HENRY
O cacique do PP escapou da cassação, mas ainda terá de responder por três crimes



Se ele não deixou algo explícito, com certeza foi para não atrapalhar investigações que ainda estão em curso", diz um procurador da República com vasta experiência em casos de corrupção.

Um dos alvos das próximas investigações é o BMG, outro banco que, ao lado do Rural, integrou o núcleo financeiro da "organização criminosa". O BMG para Lula é uma guerra. Enquanto o MP prossegue com seus trabalhos, outra instituição passa a ser desafiada — a Justiça. A denúncia foi entregue ao Supremo Tribunal Federal, a mais alta corte do país, e caiu nas mãos do ministro Joaquim Barbosa. O ministro já mandou avisar os quarenta denunciados de que têm quinze dias para apresentar a defesa, mas também já avisou o país de que o caso não será solucionado antes de 2007. Claro que os prazos precisam ser cumpridos e os acusados precisam ter amplo direito à defesa, mas causa um certo desconforto constatar que, ao receber a denúncia mais contundente que o MP já fez em sua história, a primeira reação da Justiça tenha sido dizer que a coisa vai demorar... Como a denúncia é demolidora e o caso é imenso, envolvendo dezenas de acusados apenas neste primeiro momento, talvez o Supremo Tribunal Federal possa tomar algumas providências banais para evitar que mais um caso de corrupção seja tragado pela morosidade da Justiça. O caso do mensalão já passou pelo teste do Congresso, com a CPI produzindo um belo resultado. Passou pelo Ministério Público, com uma denúncia exemplar. Chegou a vez da Justiça. ■



PEDRO CORRÊA
O presidente do PP já foi cassado. Agora terá de se acertar com a Justiça: corrupção



JOÃO CLÁUDIO GENU
Carregava o dinheiro para o PP — e acabou denunciado com os chefes

FOTO DA AGÊNCIA GLOBE PRESS E FOLHA IMAGEM

ANDRÉ PETRY

Tudo desigual

A Justiça brasileira, instituição que zela pela igualdade de todos os brasileiros perante a lei, decidiu quebrar o sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa, aquele que derrubou o ministro Palocci. Parece piada, mas não é. A juíza Maria de Fátima Pessoa Costa, da 10ª Vara da Justiça Federal, entendeu que a polícia deve investigar a fundo a suspeita de que, ao receber 25 000 reais em sua conta bancária, o caseiro pode estar envolvido em "lavagem de dinheiro". O caseiro disse que o dinheiro veio de seu pai biológico, o pai biológico confirma e o rastreamento do dinheiro comprova que o trajeto foi esse mesmo. Mas façamos de conta que há uma montanha de dúvidas aí. Afinal, 25 000 reais na conta de quem ganha 700 reais, assim de repente, dá para soar o alarme.

Agora, a Justiça, por força da igualdade de todos diante da lei, deveria tomar algumas providências importantes.

Uma delas seria atender ao primeiro pedido que surgiu de quebra do sigilo bancário de Fábio Luiz Lula da Silva, o Lulinha, filho do presidente. Afinal, Lulinha é formado em biologia,

não exerce a profissão nem era filho de pai rico. Mas, bastou o pai virar presidente, a empresa de Lulinha recebeu 15 milhões de reais da Telemar, uma concessionária de serviço público. Lulinha, assim de repente, ficou milionário, recebeu rios de dinheiro em sua conta. Será que pode estar lavando dinheiro para a Telemar? Era o caso de investigar.

Outra boa providência seria autorizar a quebra do sigilo bancário de Paulo Okamoto, o amigo do presidente. Entre 2002 e 2004, ele conseguiu 24 800 reais para ajudar na campanha de Vicentinho, mais 26 000 reais para pagar uma dívida de Lurian, filha de Lula, e ainda 29 400 reais para saldar uma dívida do

próprio presidente. De onde Okamoto tirou esse dinheiro, assim de repente? Será que pode

estar lavando dinheiro de alguém? Seria da velha cúpula do PT, agora chamado de "organização criminosa"?

A Justiça já foi acionada duas vezes para quebrar o sigilo bancário de Okamoto. Negou ambas. Na última, quem assina o despacho é o ministro Cezar Peluso. Ele diz que a CPI dos Bingos, antes de pedir a quebra do sigilo bancário do amigo do presidente, deveria ter-lhe dado um prazo para explicar a origem do dinheiro. Será que, caso o pedido de quebra do sigilo do caseiro



caísse nas mãos do ministro, ele recorreria ao mesmo argumento do prazo para se explicar? Cezar Peluso é o ministro que não deixou o caseiro se explicar para nada. É dele a decisão que impediu Francenildo de depor na CPI. E um dos argumentos do ministro apoiou-se na "condição cultural" do caseiro. O ministro achou que, devido à sua "condição cultural", o caseiro jamais poderia

"Leitores de VEJA escrevem para a revista perplexos, achando impossível que o ministro tenha escrito tamanha barbaridade. Ele escreveu, sim"

dizer se o dinheiro que circulava na mansão, aquela que Palocci nunca visitou, provinha de casas de bingo.

Desde que isso foi divulgado, leitores de VEJA escrevem para a revista perplexos, achando impossível que o ministro tenha escrito tamanha barbaridade. Aos perplexos, aqui vai o trecho literal: "Noutras palavras, seu depoimento (o do caseiro) em nada ajudaria a esclarecer ou a provar a suposição de que seria dinheiro oriundo de casas de jogo! É o que se presume à condição cultural e ao próprio trabalho que a testemunha desempenharia no local apontado".

A Justiça é assim. Uma aqui, outra acolá.